

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH

A SALA DE AULA: UM ESPAÇO ONDE SE APRENDE

Andreia da Conceição Gomes

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Orientador: Mestre Maria Isabel Gerardo

Maio 2015

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH

A SALA DE AULA: UM ESPAÇO ONDE SE APRENDE

Andreia da Conceição Gomes

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Orientador: Mestre Maria Isabel Gerardo

Maio 2015

Agradecimentos

Deixo aqui os meus agradecimentos, em primeiro lugar, à coordenadora do 1.º Ciclo da instituição onde estagiei, por permitir que estivesse completamente integrada, por confiar em mim para ficar sozinha com os alunos e por autorizar que continuasse a estar presente mesmo após o término do período de estágio.

À professora cooperante com quem estagiei, que me apoiou, ajudou e confiou em mim, tornando-se, mais que professora, amiga.

Aos alunos, por todo o carinho e ajuda que sempre me deram e pela relação de amizade que se criou.

À professora supervisora da Prática de Ensino Supervisionada e orientadora do Relatório Final, que me ajudou quando precisei e me deu sempre ideias para me ajudar a ultrapassar questões que foram surgindo, tentando que eu desse o meu melhor.

Aos meus pais por todo o esforço, quer pessoal, quer financeiro, que fizeram ao longo de todos estes anos para que me fosse possível fazer o curso que sempre quis e pela paciência que tiveram comigo.

À minha irmã, ao meu sobrinho e aos restantes familiares que sempre me apoiaram e se preocuparam, estando ao meu lado do início ao fim.

Aos meus amigos, pelo apoio e força que me deram e dão sempre, pela preocupação e, principalmente, por me “aturarem” todos os dias.

A todos, o meu sincero “muito obrigada”, do fundo do coração!

Resumo

O ambiente educativo de uma sala de aula é, ainda, objeto de poucos estudos.

Neste momento, encontramos-nos num tempo em que o currículo e a formação dos professores não são suficientes para garantir o sucesso do processo de ensino-aprendizagem. No meu entender, a organização que o professor faz da sua sala de aula influencia a aprendizagem dos alunos e o bom funcionamento das aulas.

Com o estudo apresentado neste Relatório Final pretende-se refletir sobre a importância de dois fatores do ambiente educativo, que podem ajudar a tornar este agradável e favorável, quer para a aprendizagem dos alunos, quer para o trabalho do professor.

O estudo foi realizado numa instituição privada, na área da grande Lisboa, no decorrer do período de Prática de Ensino Supervisionada (PES), que funcionou como ponto de partida para o referido estudo.

Para desenvolver este estudo houve um tempo de observação que me levou à abordagem da problemática direcionada para a organização do ambiente educativo, focando-me em dois objetos de estudo: o incumprimento de regras por parte dos alunos e a redistribuição dos lugares dos mesmos.

Relativamente ao incumprimento das regras da sala de aula, pus em prática várias estratégias, tentando levar os alunos a compreender a importância destas e a cumpri-las.

Quanto à redistribuição dos lugares, foi feito um questionário às professoras do 1.º Ciclo do Ensino Básico da instituição, e conseqüente análise, de forma a perceber por que razão o faziam.

Palavras-chave: *ambiente educativo, sala de aula, regras, lugares dos alunos*

Abstract

The educational environment in a classroom is the subject of few studies.

At this time, we find ourselves when the curriculum and teacher training are not enough to ensure the success of the teaching-learning process. In my view, the organization that the teacher makes of the classroom influence student's learning and the proper functioning of the classes.

With the study presented in this Final Report is intended to reflect on the importance of two factors of the educational environment that can help make this pleasant and favorable either for student's learning, both for the teacher's work.

The study was conducted at a private institution in the Lisbon area, during the Supervised Teaching Practice period, which served as a starting point for this study.

To develop this study there was a time of observation that led me to approach the issue directed to the educational environment's organization, concentrated on two objects of study: the breach of rules by the students and the redistribution of their seats.

With regard to breach of the classroom rules, put in place various strategies, trying to get students to understand the importance of these rules and keep them.

As for the redistribution of seats a questionnaire was made to teachers of the 1st cycle of basic education of the institution, and subsequent analysis in order to understand why this was done.

Key-words: *educational environment, classroom, rules, student seats*

Índice

Introdução.....	1
Capítulo I – Enquadramento Teórico-Empírico da Prática de Ensino Supervisionada (PES) .	5
1. A escola, a comunidade escolar.....	7
2. A sala de aula.....	9
2.1. O que se entende por ambiente educativo?.....	9
2.1.1. A organização do espaço	10
2.1.2. A distribuição dos lugares dos alunos.....	12
2.1.3. As relações pedagógicas	13
2.1.4. O estabelecimento de regras	15
3. O professor como gestor do espaço físico da sala de aula e promotor do ambiente educativo.....	20
4. Escolhas metodológicas.....	23
4.1. Observação não-estruturada ou de campo	23
4.2. Inquérito por questionário.....	24
Capítulo II – Caracterização do Contexto Institucional e Comunidade Envolvente.....	25
1. Caracterização da Instituição.....	26
2. Caracterização do grupo de crianças	29
3. Caracterização do ambiente educativo	33
4. Caracterização do modelo pedagógico	36
Capítulo III – A Prática de Ensino Supervisionada (PES) na Instituição	39

1. Primeiro momento de observação: o incumprimento das regras da sala de aula	42
2. Segundo momento: questionários aos professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico – redistribuição frequente dos lugares dos alunos	52
Considerações Finais	54
Referências Bibliográficas	61
Anexos.....	64

Índice de figuras

Figura 1 – Cartões com as regras colados na barra do quadro	44
Figura 2 – Alguns alunos com o dedo no ar, à espera para participar na aula.....	47
Figura 3 – Alunos com o dedo no ar, esperando pela sua vez para participar na aula ...	51

Índice de anexos

Anexos.....	64
Anexo I - Aula de dia 17 de novembro de 2014	65
Anexo II - Aula de dia 20 de janeiro de 2015	70
Anexo III - Aula de dia 21 de janeiro de 2015	74
Anexo IV - Aula de dia 22 de janeiro de 2015	79
Anexo V - Aula de dia 23 de janeiro de 2015	84

Anexo VI - Aula de dia 27 de janeiro de 2015	89
Anexo VII – Projeto de Expressões – Teia de Atividades	92
Anexo VIII – Projeto de Expressões – Planificações e avaliações	94
Anexo IX – Questionário aos professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico.....	113
Anexo X – Resultados dos questionários aos professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico.....	117

Introdução

O presente relatório final constitui um elemento de avaliação do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, estando integrado na Unidade Curricular de Prática de Ensino Supervisionada (PES). O estágio funcionou como ponto de partida e base para o estudo aqui apresentado, tendo sido realizado com uma turma do 3.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico, numa instituição de regime privado, situada na área da grande Lisboa. Este estágio teve a duração de três meses, decorrendo de 3 de novembro de 2014 a 20 de fevereiro de 2015. Apesar do período formal de estágio ter terminado, e por sugestão da Coordenadora do 1.º Ciclo, continuo a frequentar a instituição e a estar presente na sala onde estagiei, em regime de voluntariado.

As crianças de hoje serão os adultos de amanhã, por isso, é importante formá-las como seres humanos capazes de viver em sociedade, respeitando-se uns aos outros e ao mundo que os rodeia. É, por isso, necessário, não só, passar-lhes conhecimentos gerais e levá-los ao entendimento do mundo em que vivemos, mas também, transmitir-lhe valores, havendo, simultaneamente, uma partilha de vivências e experiências para que todos possamos aprender em conjunto, tornando a escola um lugar mágico. Tudo isto encontra-se intimamente ligado ao ambiente que é vivido dentro da escola em geral e da sala de aula em particular.

Pouca atenção tem sido dada ao ambiente que se vive nas salas de aula do nosso país e às condições em que as crianças passam os seus dias. É preciso que este ambiente seja cuidado e organizado, de forma a tornar-se apelativo e motivador, levando os alunos a atingir os objetivos propostos de forma agradável, saindo da escola com um vasto conhecimento sobre o mundo e preparados para a vida na sociedade que os rodeia.

Assim, é necessário que o professor tenha a capacidade de organizar não só o espaço físico da sua sala de aula, mas também todo o ambiente educativo da mesma, contornando

obstáculos, como as dimensões da sala ou o número de alunos da turma, e tendo em atenção diversos aspetos, como a forma como dispõe as carteiras, a arrumação dos materiais a usar pelos alunos e pelo próprio professor, o espaço livre deixado de forma a permitir que todos os intervenientes se desloquem pela sala de aula, os lugares onde os alunos se sentam, a definição de regras, entre outros.

Assim, no presente relatório serão abordados dois dos fatores que podem influenciar o ambiente da sala de aula e a aprendizagem dos alunos. São eles: o incumprimento das regras da sala de aula e a redistribuição frequente que as professoras fazem dos lugares dos alunos.

No decorrer do período de estágio surgiram preocupações relacionadas com estes fatores e o meu interesse por eles surgiu durante a observação de determinadas situações que sucederam durante o estágio e que me deixaram a pensar.

Quanto ao primeiro objeto de estudo - o incumprimento das regras da sala de aula -, o meu interesse surgiu ao deparar-me com uma grande dificuldade em querer dialogar com os alunos e expor alguma matéria durante as aulas, pois, principalmente comigo, estes não cumpriam as regras da sala de aula, perturbando o bom funcionamento da aula e a aprendizagem e o aproveitamento da turma. Por vezes também não cumpriam as regras com a professora titular, mas esta situação era menos comum.

As regras já estavam definidas pela professora desde anos anteriores. Assim sendo, por que razão os alunos não as respeitavam? Será que deixaram de ser lembradas e os alunos acabaram por esquece-las? Ou a atitude da professora não era coerente face ao cumprimento destas?

Assim, propus-me a mudar a minha atitude e a experimentar algumas estratégias para que este comportamento por parte dos alunos se modificasse também, melhorando o ambiente de aprendizagem e, conseqüentemente, a harmonia e a dinâmica da sala de aula, principalmente durante as minhas aulas.

Quanto ao segundo fator referido - a redistribuição frequente que as professoras fazem dos lugares dos alunos -, a minha curiosidade adveio da observação de uma estratégia utilizada, não só pela professora titular com quem estagiei, mas também por outras professoras titulares da instituição. Estas redistribuíam várias vezes no decorrer do ano letivo os lugares em que os alunos se sentavam. Com isto, surgiram algumas questões. Será que esta mudança de lugar tinha como objetivo promover o empenho dos alunos na realização das tarefas? Será que as professoras tentavam separar os “amigos” pois estes não se concentram se estiverem juntos? Ou deixam que os alunos se sentem ao lado de vários colegas, independentemente das amizades? Será que ao fazer isto fomentam o espírito de entreatajuda?

Assim, e tendo todo o interesse em perceber por que razão as professoras agiam desta forma, construí um pequeno questionário que foi respondido pelas professoras, com o intuito de averiguar quais os seus motivos para tal procedimento.

O presente relatório final é, então, resultado das minhas inquietações e do meu interesse perante estes fatores e de toda a pesquisa que realizei em torno deles.

Este documento encontra-se dividido e organizado em capítulos.

No Capítulo I apresento as questões que serviram de ponto de partida para o estudo realizado, estando estas ligadas aos fatores referidos. Neste capítulo apresento, ainda, o enquadramento teórico, baseando-me nas leituras que fiz de vários autores. Começo por contextualizar a escola de forma geral, como instituição dinâmica. De seguida abordo as questões da sala de aula, focando-me em tudo o que com esta está relacionado, dentro do tema abordado no relatório final. Seguidamente, refiro o professor como organizador e gestor da sala de aula e todo o ambiente que nela se vive. Por fim, apresento as minhas escolhas metodológicas para este estudo, explicando, de forma sucinta, em que consistem.

No Capítulo II apresento a caracterização da instituição na qual realizei a minha Prática de Ensino Supervisionada, bem como o ambiente que a envolve. Caracterizo, ainda, o grupo de crianças com o qual estagiei, o ambiente educativo da sala de aula na qual estagiei e o modelo pedagógico praticado na instituição.

O Capítulo III está dividido em dois momentos, relacionados com os objetos que são foco deste estudo. Em primeiro lugar apresento as estratégias que fui pensando e implementando no decorrer das minhas aulas, tentando levar os alunos a cumprir as regras, facilitando quer a sua própria aprendizagem, quer o meu trabalho enquanto profissional, e tornando o ambiente em sala de aula agradável. Em segundo lugar apresento uma reflexão realizada a partir dos resultados obtidos nos questionários preenchidos pelas professoras do 1.º Ciclo do Ensino Básico da instituição onde realizei o estágio, relacionados com a redistribuição dos lugares dos alunos e o ambiente educativo em geral.

Seguidamente ao Capítulo III, apresento as respostas às questões apresentadas no Capítulo I, bem como algumas considerações finais e dificuldades que senti na execução deste trabalho.

Por último, apresento as Referências Bibliográficas que fundamentaram a problemática estudada e uma panóplia de anexos que suportam as descrições e reflexões apresentadas no Capítulo III.

**Capítulo I – Enquadramento Teórico-Empírico da
Prática de Ensino Supervisionada (PES)**

Com o objetivo de compreender a importância do ambiente educativo de uma sala de aula e quais as suas implicações no processo de ensino-aprendizagem, realizei uma pesquisa vasta, partindo da qual concretizei a fundamentação teórica apresentada neste capítulo.

Antes de passar à referida fundamentação teórica, apresento três questões que serviram de ponto de partida para toda a pesquisa e estudo realizados e que surgiram no decorrer do período de estágio:

- 1 – A atitude do professor influencia o cumprimento de regras por parte dos alunos?
- 2 – O que fazer para que os alunos entendam as regras da sala de aula e as cumpram?
- 3 – Por que motivo as professoras redistribuem frequentemente os lugares dos alunos?

Posto isto, e procurando responder a estas perguntas, pus em prática algumas estratégias durante as aulas, tentando que os alunos cumprissem as regras e se mantivesse um bom clima de aprendizagem na sala de aula, elaborei um questionário que foi, posteriormente, respondido pelas doze professoras titulares das turmas do 1.º Ciclo do Ensino Básico da instituição onde decorreu o estágio e procedi à referida pesquisa e fundamentação teórica seguidamente apresentada.

1. A escola, a comunidade escolar

Tratando-se a escola de um subsistema da sociedade e estando a dita sociedade em constante mudança e evolução, é essencial que a escola a acompanhe, adaptando-se. Tal como refere Pinto (2005), “qualquer alteração do meio social envolvente terá sempre consequências dentro da instituição escolar” (p. 21). Então, a escola não se trata de uma instituição passiva sendo, pelo contrário, um organismo vivo, que se modifica consoante as necessidades que surgem. Isto é,

Uma escola na sua estrutura física deve ser um espaço criado ou adaptado para a sua função primeira, ou seja, um local que tenha a funcionalidade adequada para receber um número grande de pessoas que nele convivem e passam grande parte das suas vidas.

(Albertino & Peterossi, s.d., p. 637)

Sendo a escola uma instituição que se encontra em contacto com um elevado número de pessoas, nesta ocorre uma vasta partilha, não só de conhecimentos, como também de vivências e valores. É desta forma que todos os atores do processo de ensino e aprendizagem (alunos, professores, pais, ...) precisam de encará-la.

Marques (2001) menciona como objetivos da escola, “promover o desenvolvimento pessoal ao nível mental, moral, emocional e físico”, “formar cidadãos conscientes e intervenientes” e “preparar o aluno para, quando sair da escola, ser capaz de ganhar a vida, através de uma ou outra ocupação e continuar a aprender” (p. 35). Também na Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei n.º 46/86 de 14 de Outubro) esta ideia está presente, ao surgirem como objetivos da escola: assegurar que na formação dos alunos “haja um equilíbrio entre o saber e o saber fazer, a teoria e a prática, a cultura escolar e a cultura do quotidiano” e “formar cidadãos responsáveis e intervenientes na vida em comunidade”. Pinto (2005) vai ao encontro desta ideia ao referir que a escola tem “uma função uniformizadora, transmitindo os valores comuns da sociedade e uma função diferenciadora reforçando a divisão social do trabalho, competindo ao professor a missão principal de transmitir esses valores” (p. 36).

A escola é, por isso, um espaço onde as relações humanas estão diariamente presentes. A Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei n.º 46/86 de 14 de Outubro) apoia esta realidade ao ser referido que a escola tem o dever de “proporcionar experiências que favoreçam aos alunos a sua maturidade cívica e sócio afetiva, criando hábitos de relação e cooperação”.

Assim, tal como afirmam Albertino & Peterossi (s.d.), todos os profissionais que atuam no espaço escolar, sendo intervenientes do processo de ensino e aprendizagem, têm um compromisso com os alunos e com o ato de educar. Partindo deste pressuposto, é importante que cada professor pense na sua prática, nas suas estratégias e métodos e, por conseguinte, no espaço em que desenvolve diariamente esta prática.

2. A sala de aula

Na escola, existem diversos espaços que podem ser ocupados pelos alunos, como, por exemplo, o pátio, os corredores, a biblioteca, entre outros, sendo, ainda assim, a sala de aula o espaço que mais se destaca. Arriada, Nogueira, & Vahl (2012) reforçam esta ideia referindo que existem, efetivamente, vários espaços, “contudo nenhum se equipara ao espaço da sala de aula” (p. 42), sendo este o espaço de excelência em que o professor desenvolve a sua prática educativa.

A sala de aula é o espaço primordial onde ocorre o processo de ensino e aprendizagem, tal como afirmam Ferreira & Santos (2007), que definem a sala de aula como o “cenário onde os comportamentos de ensino-aprendizagem têm lugar e, como tal, local por excelência de compreensão e aplicação dos fenómenos de aprendizagem” (p. 36).

Este é, então, o espaço onde ocorre a maior parte da vida escolar das crianças, que frequentam a mesma sala de aula do início ao final do ano letivo e, por vezes, durante todos os quatro anos do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Assim sendo, o ambiente educativo de uma sala de aula pode ser considerado como um recurso pedagógico muito importante.

2.1. O que se entende por ambiente educativo?

Tal como foi referido no ponto anterior, a sala de aula é o espaço principal onde ocorre a maior parte do processo de ensino e aprendizagem. Posto isto, o ambiente educativo de uma sala de aula é um recurso pedagógico que se encontra ao dispor do professor e ao qual se é necessário dar atenção.

Fernandes (2005), define ambiente educativo de uma sala de aula como o “conjunto formado pelo espaço físico e tudo o que o constitui e mais as relações ali estabelecidas entre as personagens actantes (professor e alunos)” (p. 71). Isto é, não se trata apenas da

organização dos materiais e mobiliário da sala de aula, mas também de toda a comunicação e relação que aí se cria entre o professor e os alunos e entre os próprios alunos, pois é na sala de aula que estas relações surgem e começam a desenvolver-se. Estas relações e a gestão de todo o ambiente educativo da sala de aula estão intimamente ligadas ao processo de ensino-aprendizagem e é necessário que se tenha em atenção determinados fatores, como, por exemplo, a definição de regras para que haja uma boa convivência entre todos os intervenientes e se crie, deste modo, um clima de aprendizagem agradável e motivador. Reforçando esta ideia, Estrela (1994) afirma que o ambiente educativo se trata, simultaneamente, do “lugar físico em que se processa a transmissão intencional do saber e a estrutura de origem cultural que suporta e organiza a relação pedagógica” (p. 37).

Assim, e tendo em atenção que o objetivo da escola não é apenas académico, mas também social e moral, toda organização do ambiente vivido na sala de aula complementa a aprendizagem dos alunos, influenciando-a positiva ou negativamente. Nesta perspetiva, o espaço físico da sala de aula terá de ser flexível. Este pode ser organizado consoante o tipo de atividade que se irá desenvolver e modificado sempre que se demonstrar necessário, influenciando as relações que aí são criadas, tal como acontece ao serem redistribuídos os lugares dos alunos, que passam a ficar sentados perto de colegas diferentes.

2.1.1. A organização do espaço

O espaço de sala de aula deve, então, ser flexível, dando ao professor a hipótese de o reorganizar sempre que necessário. Isto pode fazer-se através da variação da disposição do mobiliário existente na sala de aula (carteiras, cadeiras, armários, etc.) e da alteração dos cenários envolventes, como é o caso das paredes da sala e dos placards. Esta reorganização, que poderá ser feita tantas vezes quantas forem necessárias ao longo de cada ano letivo, é uma estratégia à qual se pode recorrer pois, como refere Fernandes (2005), “estas

(re)construções certamente influenciarão positivamente, tanto os comportamentos das crianças como um melhor desenvolvimento de todo o processo ensino-aprendizagem” (p. 70). Isto é, ao observar diariamente o que se passa dentro da sala de aula, o professor questiona aspectos fundamentais a serem repensados e as modificações que fazer ao cenário vão apoiar os alunos na aquisição das aprendizagens reajustando os seus comportamentos, adaptando-se à nova organização do espaço.

Tendo em conta as atividades que o professor quer desenvolver com os seus alunos, é importante que este reorganize a sala para que estas atividades sejam possíveis e tudo decorra como previsto. Arends (1995) reforça esta ideia afirmando que a organização da sala de aula “deve adequar-se às suas funções, sendo que diferentes formações são utilizadas para diferentes funções” (p. 94). Se o professor quiser que os alunos realizem um trabalho de grupo, pode, por exemplo, agrupar as secretárias por forma a tornar este trabalho possível e proveitoso.

Aires (2009) afirma que “para que se proporcione uma experiência de aprendizagem agradável” a sala de aula tem que estar organizada e estruturada “de modo a convidar e suportar a leitura tranquila, a cooperação e o trabalho autónomo” (p. 71), uma vez que, como refere Arends (1995), “a forma como está disposto o mobiliário pode influenciar o tempo de aprendizagem escolar e, dessa forma, a aprendizagem dos alunos” (p. 93).

Significa, então, que a sala de aula tem que estar organizada de forma a proporcionar aos alunos o sossego, o conforto e o bem-estar necessários para que a sua concentração nas atividades seja possível e de forma a oferecer um bom ambiente de aprendizagem. Assim, a sala de aula precisa de estar bem iluminada e o ambiente deve ser tranquilo. É necessário que cada aluno tenha a sua própria secretária, embora estas possam estar agrupadas em filas, como se observa nas várias salas de aula. Além disso, é indispensável que haja espaço para que, tanto os alunos como o professor, possam circular pela sala de aula.

Mas não é apenas o mobiliário da sala de aula que pode ser modificado. Os lugares onde os alunos se sentam podem, também, ser redefinidos mais que uma vez no decorrer do ano letivo.

2.1.2. A distribuição dos lugares dos alunos

Não só é importante que se modifique o espaço físico da sala de aula, como também se deve redefinir os lugares dos alunos, promovendo um bom ambiente e melhorando-o à medida do necessário. O professor pode, então, pensar na melhor distribuição a fazer dos seus alunos, conhecendo-os e tendo em conta as suas características e necessidades.

Mas, nem todos os lugares da sala onde os alunos se sentam são facilitadores da sua atenção e concentração. Stires (1980, Cit. por Ferreira & Santos, 2007) reforça esta ideia afirmando que, “apesar de ser fisicamente possível prestar atenção em qualquer lugar da sala, algumas localizações facilitam esse acto, enquanto outras o tornam difícil” (p. 45). Por isso, qualquer mudança que o professor faça na distribuição dos lugares dos alunos, constitui um ato muito importante para todo o processo de ensino e aprendizagem, podendo melhorar alguns comportamentos e ajudando os alunos a desenvolverem a sua capacidade de concentração. Além disso, as alterações na distribuição dos lugares dos alunos permitem que estes se conheçam e se relacionem com todos os colegas, tratando-se, como afirma Fernandes (2005), de um fator muito importante no cumprimento de “todo o acto pedagógico, pois da sua correcta colocação advêm as francas interações entre pares, o trabalho cooperativo e a inculcação significativa de aprendizagens por parte das crianças” (p. 73).

Assim, a (re)distribuição dos lugares dos alunos, não só melhora a aquisição das aprendizagens e a capacidade de concentração, pois modifica o espaço e a localização em que cada aluno se encontra e o ponto de vista que cada um tem da sala de aula e dos seus

colegas, tornando-se num novo ambiente com novos estímulos, mas também contribui para que todos se conheçam e se relacionem, uma vez que, ao mudarem de lugares, os alunos estão perto de colegas diferentes no decorrer do ano letivo, tendo oportunidade de comunicar, trabalhar, ajudar e ser ajudado por diversos colegas, bem como partilhar materiais e ir conhecendo e relacionando-se com todos os colegas.

2.1.3. As relações pedagógicas

Desde que nasce, o ser humano tem a necessidade de se relacionar com os outros e com o mundo que o rodeia, podendo esta relação influenciar o seu desenvolvimento pessoal. Os seres humanos relacionam-se entre si, possibilitando a vida em sociedade.

Este facto não ocorre apenas na sociedade de uma forma geral, mas também em pequenas comunidades e na comunidade escolar em particular, desenvolvendo-se grande parte destas relações na sala de aula. Este é o espaço onde se desenvolvem as relações professor-alunos e alunos-alunos e todos aprendem a relacionar-se com outros, sendo este o contexto em que um grupo específico de crianças e o seu professor interagem entre si no decorrer de todo um ano letivo. Fernandes (2005) reforça esta ideia afirmando que, no interior de uma sala de aula, “interagem continuamente pessoas específicas, diariamente, o que resulta em fortes relações afectivas e pedagógicas (...) em simultâneo, onde a parte física da mesma sala influi nessas relações e vice-versa” (p. 71). Estas relações pedagógicas tratam-se, não só, do contacto entre os intervenientes de uma situação pedagógica, mas também do resultado que esse contacto poderá ter no processo de ensino-aprendizagem. A estreita ligação que existe entre as relações pedagógicas e o processo de ensino-aprendizagem faz com que, tal como refere Vieira (2000) “o professor sinta a necessidade de procurar estratégias que lhe possibilitem um melhor relacionamento com os seus alunos e, conseqüentemente, o estabelecimento de um ambiente facilitador da aprendizagem na sala de

aula” (p. 19). Ao pensar nestas estratégias, o professor tem que ter em conta que, de acordo com Mauco (1975), se “a criança tiver decepções e insatisfações demasiado vivas, pode experimentar com isso um sentimento de insegurança em relação ao meio escolar” (p. 228).

Estrela (1994) recorda que dentro da sala de aula, a relação pedagógica abrange “a relação professor-aluno e aluno-aluno dentro de situações pedagógicas” (p. 32), havendo neste espaço e ambiente de sala de aula uma troca imensa de conhecimentos, valores e experiências, não só entre o professor e os alunos, mas também entre os próprios alunos, ao existirem estas relações de afeto que facilitam todo o processo.

Vieira (2000) vem ao encontro desta ideia ao afirmar que “uma das variáveis que parecem contribuir para o sucesso educativo está relacionada com o ambiente afectivo existente na sala de aula” (p. 40) alicerçando relações que são um dos fatores que levam ao sucesso do processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Mauco (1975), num ambiente que não seja calmo e estimulador “são os sentimentos e os comportamentos de insegurança, de agressividade ou de ansiedade que são estimulados, mais do que os de confiança e segurança afectiva”. O autor acrescenta ainda que “o próprio professor sofre a influência deste meio, que torna difícil o estabelecimento de relações humanas confiantes” (p. 229).

De acordo com Ferreira & Santos (2007) “o professor tem uma função e um papel assentes numa relação de poder” e de autoridade, sendo esta “hierarquizada, aceite como legítima e representada como inerente à função educativa” (p. 31). O professor é, assim, o elemento que coordena e modera estas relações e a comunicação entre todos, não deixando que esta perturbe o bom funcionamento da sala de aula e não dificulte o processo de ensino e aprendizagem, funcionando de forma contrária.

Abraçando esta ideia, Arends (1995) refere que a forma como o professor organiza e gere o espaço de sala de aula “influencia quer os padrões de comunicação quer as relações de

poder entre professores e alunos”. Estas relações de poder são muito importantes, uma vez que ajudam os alunos a tornarem “a sua aprendizagem independente” (p. 80).

Reforçando esta concepção, Albertino & Peterossi (s.d.) afirmam que “os ambientes educacionais permitem que o educando realize tarefas sozinho, em auto-desenvolvimento e, por outro lado, esses mesmos ambientes favorecem a interação do educando com o outro e a solicitação de ajuda em atividades mais complexas” (p. 638).

Isto é, havendo um bom ambiente na sala de aula e relações de confiança entre o professor e os alunos e entre os alunos, estes desenvolvem a capacidade de realizar as suas tarefas individualmente, sabendo que, se surgirem dúvidas, podem solicitar ajuda. Mas, para que se construa este bom ambiente dentro da sala de aula, é necessário que exista, não só, uma organização favorável a tal, mas também, determinadas regras a ser seguidas e respeitadas por todos, criando-se, também, um ambiente de disciplina.

Esta encontra-se diretamente ligada às relações humanas e pedagógicas vividas e desenvolvidas na sala de aula, pois, como explica Ginott (1973), “a boa disciplina é uma série de pequenas vitórias nas quais o professor, através de pequenas atitudes positivas, chega ao coração da criança” (p. 102). A existência de regras ajudará, então, a criar este ambiente de disciplina, podendo, ao mesmo tempo ser dinâmico, uma vez que, segundo Brazelton (1984), “uma mistura cuidadosa de diversão e disciplina pode proporcionar um sentido de segurança e alegria a uma criança, tanto em relação a ela como ao que a rodeia” (p. 115).

2.1.4. O estabelecimento de regras

Para que seja possível e agradável viver em sociedade, é necessária a existência de normas e regras que norteiem os comportamentos humanos, caracterizando-os como

aceitáveis ou não aceitáveis. É muito importante existirem regras para que todos sejamos capazes de conviver na sociedade que nos rodeia, respeitando-nos uns aos outros.

Um dos vários papéis da escola é formar os seus alunos para viverem em sociedade, educando para a cidadania. Esta formação começa com a existência de normas e regras dentro da escola e, conseqüentemente, da sala de aula. Esta ideia está, também, presente no Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de Agosto, ao se afirmar que o professor “promove a participação activa dos alunos na construção e prática de regras de convivência, fomentando a vivência de práticas de colaboração e respeito solidário no âmbito da formação para a cidadania democrática”.

De acordo com Arends (1995), quer nas salas de aula, quer na maioria dos espaços e contextos nos quais interagem várias pessoas, “uma larga percentagem de problemas potenciais e de perturbações pode ser prevenida através da planificação antecipada de regras e de procedimentos”, tratando-se estas regras de “afirmações que especificam as coisas que se espera que os alunos façam e não façam” (p. 191).

É importante que os alunos tenham conhecimento destas regras e compreendam que, para que haja um bom funcionamento, é preciso que as respeitem e entendam o que podem ou não fazer dentro deste contexto específico e formal que é a sala de aula, criando, desta forma, um ambiente de disciplina que facilita o processo de ensino e a aquisição das aprendizagens, bem como as relações pedagógicas que se criam neste espaço.

Reforçando esta ideia, Parrat-Dayan (2008, Cit. por Azcue, 2012) refere que “a disciplina é importante no ambiente escolar, não para haver um controlo sobre os estudantes, mas sim como um elemento para facilitar as relações interpessoais e o processo de aprendizagem” (p. 43).

Assim, a não existência destas normas e regras dificulta todo o processo de ensino-aprendizagem e, segundo Carita & Fernandes (2012), a não definição de regras e limites

“origina situações de grande ambiguidade em que alunos e professores, não dominando o terreno, tendem, os primeiros, a experimentar quais são os limites do permitido e os segundos a adotarem atitudes dispersas” (p. 78). Se não houver uma definição de regras e de limites, os alunos tendem a experimentar novos limites, desafiando o professor, deixando-o sem saber como agir e criando um clima de indisciplina.

De acordo com Mauco (1975), se o ambiente em sala de aula não for tranquilizante e estimulante, “a criança será contraditória ou inibida, indisciplinada ou preguiçosa, para se proteger da pressão educativa ressentida como causadora de insegurança” (p. 227).

Assim, a existência de regras tem como objetivo controlar os comportamentos controversos dos alunos. Jesus (1999) refere que as regras integram “todos os comportamentos que os alunos nos apresentam na sala de aula que perturbam o trabalho que o professor pretende realizar” (p. 35).

É, então, necessário que o professor entenda a importância da existência e definição de regras, quer na criação de um bom ambiente na sala de aula, quer no desenvolvimento de valores sociais por parte dos alunos. Logo, e tal como afirma Estrela (2007), é essencial que “o professor compreenda que as regras criam não só as condições necessárias ao bom funcionamento da aula, mas também transmitem implicitamente valores, fazendo parte do currículo oculto da escola” (p. 35).

Arends (1995), menciona como exemplos de regras que podem ser estabelecidas:

1. “as que limitam o número de alunos em movimento em qualquer altura”;
2. as que indicam ao aluno “quando não é permitido conversar”, isto é, nos momentos em que o professor está a expor ou a explicar um conteúdo, “quando é permitido e encorajado falar baixo”, ou seja, durante os trabalhos feitos em grupo ou feitos no lugar, e “quando vale tudo”, que será durante o recreio ou durante as festas de aniversário ou outras;

3. as que “tornam o discurso na sala de aula mais satisfatório e produtivo”, como é o caso de “falar um de cada vez durante uma discussão, escutar as ideias dos outros, levantar o braço e esperar pela vez”;
4. as que ajudam os alunos a saber o que fazer nos momentos em que, por algum motivo, estão inativos, isto é, por exemplo, se acabar um trabalho antes dos colegas “pode pegar num livro e ocupar-se a ler silenciosamente até que os outros tenham acabado”, ou, enquanto esperam que o professor prepare o material necessário para fazer uma projeção, “podem falar baixo com os vizinhos, mas não se podem levantar” (p. 192).

Para que as regras estabelecidas na sala de aula sejam aceites e respeitadas pelos alunos, é essencial que estes as compreendam sendo, para isso, necessário que o professor as explique. Reforçando esta ideia, Arends (1995) afirma que é muito importante que “o professor se assegure de que os alunos compreenderam os propósitos de cada regra e da sua fundamentação moral ou prática” (p. 192). Indo ao encontro deste pensamento, Biasutti (1977), refere que “pode exigir-se da criança o respeito de algumas regras fundamentais de convivência, desde que ela possa dar-se conta de que são justas e estabelecidas em ordem ao bem comum” (p. 177). Assim, como foi referido, o professor tem de explicar devidamente as regras aos seus alunos e, ao fazê-lo, tem de, como afirma Arends (1995), “manter o equilíbrio, dar explicações que são úteis aos alunos sem soar condescendente ou demasiado moralista” (p. 192). Desta explicação e da compreensão da regra e da sua legitimidade por parte dos alunos, como afirma Estrela (1994), “decorre a probabilidade de ela ser aceite e respeitada” (pp. 51-52).

Além de explicar as regras aos alunos, os professores devem agir em conformidade com as regras estabelecidas, assumindo o seu papel de autoridade dentro da sala de aula. Para Arends (1995), os professores têm que ser “consistentes no cumprimento das regras” pois, se

não for desta forma, “qualquer conjunto de regras (...) rapidamente se dissolve” (p. 193).

Como afirma Estrela (1994), o professor não pode esquecer-se, também, que “a legitimidade das regras se liga à avaliação que os alunos fazem do exercício de autoridade” (p. 52) deste.

Na escola e na sala de aula, as regras e os limites desempenham, então, uma função pedagógica que leva ao bom funcionamento do sistema. Estas regras, sendo reguladoras dos comportamentos dos alunos e do próprio professor, não são, de modo nenhum, um impedimento ao bom relacionamento entre o professor e os alunos e entre os próprios alunos, funcionando antes de forma contrária. Tal como na sociedade em geral, a existência de regras e o respeito e cumprimento das mesmas contribui para uma boa vivência e convivência entre os intervenientes, não a dificultando.

Para que estas regras sejam cumpridas não é necessário castigar repetidamente as crianças que têm comportamentos mais ou menos desviantes, antes pelo contrário. Ginott (1973) refere que “mau comportamento e castigo não são coisas opostas que se anulam uma à outra; ao contrário, elas se cultivam e se reforçam entre si”. O autor acrescenta ainda que “quando uma criança é punida, resolve ser mais cuidadosa, não mais honesta e responsável” (p. 104), isto é, a criança tem mais atenção à forma como age de forma a repetir os mesmos comportamentos sem ser descoberta e castigada novamente. Como afirma o mesmo autor, “um professor pode ser enormemente destrutivo ou incrivelmente instrutivo no seu tratar diário com problemas disciplinares” (p. 102).

3. O professor como gestor do espaço físico da sala de aula e promotor do ambiente educativo

Tendo em conta que o espaço físico da sala de aula e o ambiente educativo são geridos e organizados pelo professor, estes revelam-se sempre como um desafio para o mesmo, que tem como objetivo, como referem Albertino & Peterossi (s.d.), “possibilitar melhorias na qualidade do ensino”. Os autores reforçam esta ideia afirmando que o espaço e ambiente educativo revelam, de certa forma, a visão educativa do professor e a sua personalidade. A partir da sua organização e gestão, este espaço pode tornar-se “mais ou menos significativo, mais ou menos prazeroso eficiente e estimulador não só para os alunos como também para os professores desenvolverem suas práticas” (p. 641).

Além de o professor depositar um pouco de si na sala de aula que gere, demonstrando-o na forma como a organiza, esta gestão e organização tem, segundo Arends (1995) “efeitos cognitivos e emocionais importantes nos alunos” (p. 85). É, por isso, importante perceber até que ponto esta gestão por parte do professor influencia todo o processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Belázquez Entonado (1989, Cit. por Fernandes, 2005), as crianças em particular, e o ser humano no geral, são seres “multissensoriais e a sua experiência diária vê-se influenciada significativamente pelo espaço em que ocorre” (p. 70). Nesta linha de pensamento, Vayer, et al. (1993, Cit por Fernandes, 2005) referem que todo o espaço físico e ambiente educativo de uma sala de aula, e qualquer modificação que possa ser feita, têm efeitos diretamente sobre “o comportamento da criança” (p. 70).

De acordo com Espelage & Lopes (2013) “a organização e gestão de sala de aula referem-se ao conjunto de ações desenvolvidas pelo professor no sentido de tornar possível o ensino” (p. 55). Isto é, o professor não tem a capacidade de modificar ou controlar a

quantidade de espaço que tem dentro da sala de aula que lhe é atribuída, mas pode gerir o espaço físico do interior da mesma da forma que este se revele mais proveitoso para ele e para os seus alunos. Arends (1995) afirma que, “embora os professores não controlem a quantidade de espaço disponível, têm uma considerável liberdade de acção no que diz respeito à sua gestão” (p. 85). O professor decide como movimentar-se no interior da sala de aula; como distribuir os lugares dos alunos, os materiais que podem ser utilizados por ele próprio e pelos alunos e as carteiras, e como criar um ambiente educativo propício ao processo de ensino e aprendizagem.

Para o mesmo autor, “um dos aspectos da liderança do professor é a atribuição e gestão de recursos escassos para criar ambientes de aprendizagem produtivos” (p. 79). Isto é, mesmo não tendo muitos recursos ao seu dispor, o professor deve ser capaz de os organizar e gerir para que se tornem devidamente proveitosos e sejam bem aproveitados para uma melhor aprendizagem dos alunos. Esta gestão e organização que o professor faz influencia, segundo Arends (1995), “uma variedade de decisões diárias que os professores têm de tomar acerca de como são geridos e utilizados os recursos escassos” (p. 80).

O autor refere também que, tendo em conta o uso e a organização que o professor faz do espaço e do ambiente dentro da sala de aula, “é importante ser flexível na colocação das carteiras e das mesas e no agrupamento dos alunos” (p. 79). Quer isto dizer que o professor precisa de ter a capacidade de organizar a sala de aula e gerir os lugares dos alunos de formas diferentes, consoante o que lhe parecer necessário e facilitador de determinada tarefa ou atividade.

Para Albertino & Peterossi (s.d.), este papel do professor como gestor do espaço físico de sala de aula e do ambiente educativo é fundamental, sendo que este deve estar “disposto a correr riscos, sem medo de mudar, visando melhorias” (p. 642). Nesta gestão e criação de ambientes de aprendizagem que se tornem rendosos, mantendo o olhar focado na constante

melhoria do processo de ensino-aprendizagem, o professor tem em atenção, não só a arrumação das carteiras e a distribuição dos lugares, mas também toda a parte estética e decorativa da sala. Nas paredes, além de outras coisas, o professor pode colocar os trabalhos dos alunos que, tal como acontece no Ensino Pré-Escolar, elevam a autoestima destes e motivam-nos para fazer sempre mais e melhor. Ao verem os seus trabalhos expostos aos olhos de todos os seus colegas e, por vezes, até dos pais, os alunos sentem-se orgulhosos pelo seu esforço e pela sua dedicação, levando-os a esforçar-se cada vez mais para que os seus trabalhos sejam sempre os escolhidos para serem colocados nas paredes da sala.

Carita & Fernandes (2012) afirmam que é “consensual o reconhecimento da importância das competências do professor na gestão da sala de aula, como meio de promoção de um bom clima para a aprendizagem e socialização” (p. 74). De acordo com o Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de Agosto, ao fazer esta gestão da sala de aula, o professor “promove a autonomia dos alunos, tendo em vista a realização independente de aprendizagens futuras, dentro e fora da escola”.

Cabe, então, ao professor o difícil e importante papel de gerir a sala de aula por forma a criar um ambiente educativo que considere propício e facilitador do processo de aprendizagem. Para isso, o professor tem a liberdade de fazer alterações neste espaço sempre que considere necessário, bem como modificar os lugares nos quais os alunos se sentam, alterando, assim, toda a perspetiva que cada aluno tem da sala de aula, do professor e dos colegas, levando-o a alterar o seu comportamento e a adaptar-se a esta nova perspetiva

4. Escolhas metodológicas

No estudo apresentado no presente relatório foram utilizadas duas metodologias de recolha de dados.

Em primeiro lugar, relativamente à preocupação face ao incumprimento de regras, foi utilizada a técnica observação não estruturada ou de campo e posterior implementação de estratégias. Durante esta observação não foram elaboradas notas de campo pois, inicialmente, a temática escolhida para o relatório não era a aqui abordada. Assim, todos os apontamentos apresentados neste relatório são o recurso a memórias muito presentes, constituindo estas um, também, importante instrumento de recuperação de informação.

Em segundo lugar, relativamente à redistribuição dos lugares dos alunos, foi utilizado um questionário, preenchido pelas professoras titulares das turmas da valência de 1.º Ciclo do Ensino Básico da instituição onde se desenrolou o estágio.

4.1. Observação não-estruturada ou de campo

A observação, de uma forma geral, é uma metodologia de recolha de dados através da qual, e segundo Afonso (2005), “a informação obtida não se encontra condicionada pelas opiniões e pontos de vista dos sujeitos” (p. 91). Tal como o autor refere, os resultados de uma observação são registados pelo investigador e esta parte das questões levantadas no decorrer da investigação.

Quanto à observação não-estruturada ou de campo, sendo esta a observação utilizada na presente investigação, Cozby (1989, Cit. por Afonso, 2005) refere que esta “é conduzida quando o investigador quer descrever e compreender o modo como as pessoas vivem, trabalham e se relacionam num determinado contexto social”. Assim, esta requer que “o investigador se insira na situação (...) e observe o próprio contexto” (p. 92). No que respeita a este estudo, a observação foi realizada no decorrer do estágio, estando eu, enquanto

investigadora, em campo, atuando em parceria com a professora titular da turma. Os resultados desta observação encontram-se descritos no capítulo III.

4.2. Inquérito por questionário

O questionário trata-se de outro instrumento para recolha de dados utilizado nas investigações. Afonso (2005) refere que os questionários “consistem em conjuntos de questões escritas a que se responde também por escrito” (p. 101), apresentando-se como um instrumento muito utilizado em estudos idênticos a este relatório.

Segundo o mesmo autor, é necessário que os respondentes do questionário “assumam uma atitude cooperativa”, isto é, é preciso que aceitem responder ao questionário de forma voluntária e que, ao responderem, “digam o que efectivamente sabem, querem ou pensam” (p. 103).

Assim, questionário utilizado foi entregue e respondido pelas doze professoras titulares das turmas do 1.º Ciclo do Ensino Básico da instituição na qual realizei a Prática de Ensino Supervisionada (PES). Os resultados destes questionários encontram-se descritos no capítulo III, estando estes, também, representados através de gráficos apresentados em anexo.

Capítulo II – Caracterização do Contexto
Institucional e Comunidade Envolvente

1. Caracterização da Instituição

A instituição na qual estagiei no período entre os dias 3 de novembro de 2014 e 20 de fevereiro de 2015 situa-se na zona ocidental de Lisboa, numa das áreas mais nobres da cidade, junto ao rio Tejo. A instituição beneficia, assim, de um agradável ambiente ribeirinho e de uma área envolvente que contém diversos espaços verdes, parques infantis, museus e monumentos, tornando-se, desta forma, uma zona bastante atraente para o turismo.

Esta instituição é de ensino privado e pertence a uma congregação religiosa, regendo-se pelos seus princípios e valores, educando os alunos neste sentido. É uma escola cristã segundo a tradição católica, que se preocupa principalmente com o desenvolvimento integral do indivíduo. A educação religiosa é parte integrante do currículo e é de grande importância.

Trata-se de um edifício centenário, que está classificado como Património Nacional, destacando-se os claustros e a capela, reconhecido como um belo exemplo da arquitetura do século XVII, pertencendo ao período de transição entre o estilo clássico e o estilo barroco.

A instituição recebe cerca de 700 alunos distribuídos desde o Ensino Pré-Escolar até ao 3.º ciclo do Ensino Básico. Esta é constituída por dois edifícios que se encontram interligados. No espaço interior, para além das salas de aula e dos gabinetes de direção, existem dois ginásios, duas salas de informática, uma reprografia, um gabinete médico e de apoio pedagógico, uma cozinha, quatro refeitórios e uma capela. Esta instituição conta, ainda, com um espaço exterior amplo, partilhado por todas as valências, em horários diferentes, composto por três campos desportivos, um bar com esplanada, um jardim e um espaço coberto.

A área reservada ao Jardim de Infância dispõe, ainda, de um espaço exterior vedado. As salas do Jardim de Infância situam-se no piso térreo e as salas do 1.º ciclo do Ensino Básico situam-se nos 1.º e 2.º pisos do mesmo edifício. As salas destinadas aos 2.º e 3.º ciclos do Ensino Básico situam-se num outro edifício.

O estágio realizou-se na primeira sala do 2.º piso, situada no edifício onde se encontra a valência do 1.º Ciclo do Ensino Básico, correspondendo a uma turma do 3.º ano. Neste piso existem três salas do 3.º ano, três salas do 4º ano, uma sala de professores com casa de banho adjacente, uma sala de música e casas de banho para os alunos.

De acordo com o regulamento da instituição, os alunos usam diariamente um uniforme obrigatório e o fato de treino obrigatório nos dias em que têm aula de Educação Física. Os alunos não podem usar ténis, sendo estes apenas permitidos para as aulas de Educação Física e para brincar no recreio, tendo os alunos que os trocar ao regressar à sala de aula.

Relativamente às rotinas diárias do 1.º Ciclo do Ensino Básico, é feita uma oração matinal, sob a cobertura existente no pátio. Ao ser tocado o sino, todos os alunos se organizam em filas consoante a sala e o ano a que pertencem, esperando que a professora titular chegue e que a Coordenadora deste ciclo de ensino dê os bons dias. Todos fazem a oração e, de seguida, cada turma sobe com a sua professora titular para a sala de aula.

As crianças desta valência têm um período de aulas desde as 8h45 às 10h45, seguido de um intervalo. Regressam à sala respeitando o mesmo sistema da manhã: o sino é tocado e os alunos organizam-se em filas consoante a sala e o ano a que pertencem esperando a chegada das professoras para subirem às respetivas salas de aula. As aulas prolongam-se até às 12h15, hora em que o sino é novamente tocado e cada professora faz, com os alunos, uma oração de agradecimento pela refeição que irão tomar e, de seguida, guia a sua turma até aos refeitórios. Alguns alunos levam almoço de casa e comem num refeitório específico para tal, onde podem aquecer a refeição. Os alunos que almoçam na escola comem noutro refeitório.

Às 13h35 termina a hora de almoço e o processo repete-se: o sino é tocado e os alunos organizam-se em filas de acordo com a sala e o ano a que pertencem para que cada professora se junte à sua turma e a conduza à respetiva sala de aula. Às 16h o sino toca novamente, anunciando a saída dos alunos e o final das aulas.

Além deste horário, depois das 16h há salas de estudo, apoiadas pelos professores que ajudam os alunos nos trabalhos de casa. Além disso, há atividades extracurriculares, como é o caso das aulas de Judo, Ballet e Piano.

2. Caracterização do grupo de crianças

O grupo de crianças com o qual estagiei frequenta o 3.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico, correspondendo à faixa etária entre os 7 e os 9 anos de idade. É um grupo constituído por 24 elementos, sendo 13 do sexo masculino e 11 do sexo feminino.

Ferreira & Santos (2007) referem que, nesta idade, “existem mudanças que tornam estas crianças crescidas, cheias de energia e em plena expansão psicomotora” (p. 15). Neste grupo, enquanto que as raparigas têm um desenvolvimento físico semelhante, os rapazes revelam variações na altura e respetivo desenvolvimento corporal. As crianças deste grupo são, realmente, cheias de energia. São bastante animadas e participativas, sendo um grupo muito simpático e dinâmico.

Quanto ao desenvolvimento cognitivo, há alguns elementos que se distraem mais facilmente, outros que se demonstravam mais empenhados e ainda outros que revelam mais dificuldades em determinadas atividades.

Estas crianças, estando na idade inicialmente referida, encontram-se em transição do estágio do pensamento pré-operatório para o estágio das operações concretas, de Piaget. Segundo Perraudeau (1996), e com base em Piaget, neste período a criança “adopta condutas diretamente lógicas (classificações, seriações, construção de invariantes, etc.)” (p. 92). Ferreira & Santos (2007) referem que as crianças adquirem novas capacidades mentais que lhes permitirão aceder a aprendizagens escolares como “a leitura e a escrita, a adição e a multiplicação, e a resolução de problemas de aritmética” (p. 13). Segundo Peterson & Felton-Collins (1986), neste estágio “o pensamento torna-se menos egocêntrico e mais descentrado”, levando a criança a ser capaz de aceitar pontos de vista diferentes do seu e a conseguir colocar-se no lugar do outro. Nesta idade a criança começa a “compreender a conservação”, isto é, compreende que “objetos e quantidades permanecem constantes, apesar das modificações nas aparências”, ou seja, por exemplo, se a criança estiver a manipular um

pedaço de barro, ao fazer diferentes figuras com ele, compreende que, apesar de modificar a sua aparência, a quantidade de barro continuará a ser a mesma. Neste estágio, a criança começa, também, a “compreender a reversibilidade”, ou seja, “a capacidade de inverter mentalmente uma actividade e retroceder no pensamento, a fim de coordenar os fenómenos observados anteriormente com as circunstâncias actuais”. Por exemplo, se 4 mais 4 são 8 então ao fazer-se 8 menos 4 iremos obter 4 novamente. Ainda de acordo com os autores, neste estágio a criança começa a “expressar a ordem dos acontecimentos”, a “explicar relações”, a “compreender os números e as respectivas relações”, a “compreender (...) os outros falantes”, a “utilizar a linguagem na planificação” e a “compreender e recordar regras e desenvolver cooperativamente jogos complexos” (pp. 46,47).

O grupo de crianças com o qual estagiei mantém o respeito e uma boa relação quer entre si, quer com a professora titular, quer com os professores específicos de outras unidades curriculares.

Numa visão alargada do grupo, os alunos dominam as temáticas abordadas, sendo aplicados e estudiosos. Não demonstram preferências por temáticas específicas, empenhando-se, de uma forma geral, em todas as tarefas propostas.

Durante as aulas, penso que os alunos têm bastante dificuldade em respeitar as regras da sala de aula. Principalmente no início do estágio, os alunos não colocavam sempre o dedo no ar, falando vários ao mesmo tempo ou chamando pelo nome da professora ou pelo meu repetidamente, gerando, assim, alguma confusão na sala de aula. Por vezes levantavam-se sem pedir autorização, para se dirigirem até junto da professora ou de mim e mostrar o trabalho terminado ou tirar dúvidas relativamente a este e, quando um aluno tinha este comportamento, havia imediatamente mais dois ou três que o repetiam. Além disso, interrompiam a aula para fazer perguntas ou dizer algo despropositado, pois nem sempre estava relacionado com a temática a ser abordada na altura.

Os alunos apoiam-se uns aos outros, embora este facto se note mais nuns elementos do que noutros. Quando algum aluno tem dúvidas relativamente a algum exercício ou a alguma temática, há sempre um ou dois outros alunos que se oferecem para lhe explicar e, desta forma, tirar as dúvidas. Assim como, quando algum aluno não é capaz de chegar a determinado local por ser mais baixo, ou não é capaz de transportar algo por ser pesado, há sempre alunos que se disponibilizam imediatamente para ajudar o colega que necessita de auxílio.

Os alunos relacionam-se de forma amigável, não havendo rivalidades entre eles. De vez em quando surgem algumas desavenças no recreio que são levadas para a sala de aula. Nestes casos a professora dá espaço ao debate, ouvindo as opiniões dos vários intervenientes, ajudando-os a resolver os problemas.

No que respeita à sua relação com os adultos, nota-se um certo distanciamento que demonstra respeito, mas, de uma forma geral, todos se relacionam abertamente e de forma próxima e carinhosa com os adultos. A relação que eu tenho com as crianças foi-se desenvolvendo no decorrer do estágio. Inicialmente os alunos não me conheciam e mostraram-se desafiadores. Com o decorrer do tempo, a relação entre mim e os alunos foi-se fortalecendo e intensificando. As crianças começaram a ver-me não só como professora, mas também como amiga. Alguém com quem podia contar, conversar e, ao mesmo tempo, aprender coisas novas e ter diferentes experiências.

No recreio os alunos dividem-se em vários grupos. Há um grupo de rapazes que joga futebol com outros alunos das várias turmas do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Os restantes alunos juntam-se em pequenos grupos mistos de forma, pelo que pude observar, mais ou menos aleatória e têm brincadeiras que apelam à imaginação, não brincando todos os dias da mesma forma com os mesmos colegas. Por vezes surgem desavenças durante estas

brincadeiras que, como referi acima, são resolvidas na sala de aula em debate, com o apoio da professora.

De um modo geral, e como já referi, trata-se de um grupo simpático, afetuoso, dinâmico, enérgico, participativo e interessado.

3. Caracterização do ambiente educativo

A sala de aula em que estagiei não era muito grande, mas era uma sala alegre, colorida e com luz. Os alunos tinham carteiras individuais, que se encontravam alinhadas e agrupadas em filas de duas ou três, encostadas às paredes de ambos os lados da sala, deixando um estreito corredor ao centro. Cada carteira tinha, por baixo, uma prateleira para arrumação.

Encostado à parede do fundo da sala estava um armário com divisórias que os alunos e a professora denominavam por “cubos”. Cada uma destas divisórias pertencia a um aluno e cada um era responsável por arrumar e cuidar da sua. Nestas divisórias os alunos guardavam alguns materiais de unidades curriculares como Inglês, Expressão Plástica e Expressão Musical, bem como outros materiais que, por vezes, usavam nas aulas, como lápis de cor e cola. As divisórias não estavam identificadas com os nomes dos alunos, mas estavam atribuídas aos alunos segundo os seus números de turma.

Ainda encostado à mesma parede estava um armário, onde a professora guardava alguns materiais, uma caixa métrica e um rádio.

Na parede frontal da sala estava preso o quadro e, encostado à mesma, um outro armário, mais pequeno, com divisórias onde estavam guardados os manuais e livros de fichas de Português, Matemática e Estudo do Meio e os cadernos das mesmas unidades curriculares.

Nas paredes laterais da sala encontravam-se trabalhos dos alunos, realizados nas várias unidades curriculares, e cartazes alusivos a diferentes temas que foram sendo mudados de acordo com as temáticas abordadas nas aulas.

Numa destas paredes laterais havia três grandes janelas, das quais se abriam as persianas todas as manhãs, deixando toda a sala bastante iluminada.

Os lugares em que as crianças se sentavam eram decididos pela professora e modificados regularmente, consoante o necessário, fosse por motivos de trabalho, ou por

haver distração por parte dos alunos, ou, ainda, para que se mudasse o ambiente da sala de aula. Cada aluno colocava o casaco e a mochila nas costas da sua cadeira. Quando havia um casaco no chão, sendo do conhecimento dos alunos que este devia estar pendurado na cadeira, era pedido ao aluno que o apanhasse, brincando-se, por vezes, com a situação, chamando “tapete” ao casaco. Na prateleira para arrumação pertencente a cada carteira, colocavam-se fichas por terminar e o dossier com todos os trabalhos arquivados.

Consoante o que era pedido pela professora, os alunos iam buscar e arrumar os livros no armário destinado a tal. No decorrer do período de estágio, após conversa entre mim e a professora cooperante, este armário foi trocado com a Caixa Métrica, passando para o fundo da sala e ficando a Caixa Métrica ao lado do quadro, junto à porta de entrada, pois, devido às dimensões do armário, este dificultava a visão de alguns alunos para o quadro.

Relativamente ao ambiente humano, dentro da sala de aula havia um ambiente de afetividade nas interações sociais, existindo uma grande proximidade entre a professora e os alunos e entre os próprios alunos e havendo um ambiente de entreajuda e apoio. Durante o período de estágio foi-me possível observar a autoridade que a professora estabelecia na sua relação com os alunos, ficando estes em silêncio quando ela entrava na sala, após uma ausência, sendo, ainda assim, possível observar uma grande afetividade e amizade entre estes.

Embora se verificasse esta autoridade por parte da professora, nem sempre os alunos correspondiam positivamente, não respeitando as regras da sala de aula e não atendendo aos pedidos da professora, acabando esta por, em determinados momentos, ter que assumir uma postura mais severa com alguns alunos.

No decorrer do período de estágio observei e pus em prática algumas estratégias que melhoravam o ambiente da sala de aula. Por exemplo, quando algum aluno estava mais agitado, era chamado a atenção pela professora ou por mim para que se acalmasse, ou,

quando um aluno estava distraído, era chamado a participar na aula ou era pedida a sua ajuda para dar continuação ao que estava a ser dito ou feito, fazendo-o perceber que é necessário estar atento. Como estas, outras situações houve em que foi necessário intervir e chamar os alunos à razão.

Além disso, foi necessário modificar a minha atitude e postura, de forma a levar os alunos a respeitar e cumprir as regras da sala de aula pré-estabelecidas, tal como refiro e explico no capítulo III.

4. Caracterização do modelo pedagógico

De acordo com o Projeto Educativo, na instituição existe uma articulação entre as orientações curriculares dadas pelo Ministério da Educação com a filosofia e educação dominicanas. Assim, educa-se de forma a estimular o crescimento total do aluno, estruturando um programa que permite a integração da cultura e da fé.

A instituição fomenta o espírito de confiança e de liberdade e o sentido de responsabilidade. Além disso, a instituição dá importância ao reconhecimento e aceitação das diversas capacidades e dons dos alunos. Assim, é fornecido aos alunos um currículo bem elaborado, em parceria com uma metodologia que levará os alunos a alcançar um autoconhecimento e a desenvolver-se na percepção e compreensão do mundo que os rodeia.

De acordo com o Projeto Educativo da instituição, os princípios orientadores da mesma são:

1. Desenvolvimento Religioso Dominicano, representado por valores de integridade moral, como a tolerância e a solidariedade;
2. Desenvolvimento Intelectual e Científico, aplicado nos processos de ensino e aprendizagem, promovendo a aquisição de valores de conhecimento: aplicação de saberes, raciocínio, reflexão, curiosidade e sentido crítico;
3. Desenvolvimento Integral do Indivíduo, que desenvolve valores de sensibilidade artística, literária e cidadania, como a responsabilidade, a participação e a intervenção no meio.

De entre os princípios que sustentam as práticas educativas destacam-se:

1. A valorização do trabalho e sentido de responsabilidade;
2. A preparação para a vida ativa através da relação educação/formação;
3. A responsabilidade no cumprimento de tarefas e objetivos.

Assim, desenvolvem-se valores como a dignidade da pessoa humana; o respeito pela diferença; a cidadania; o trabalho e a autoestima, que serão úteis para a vida na sociedade.

No decorrer das aulas, a professora colocava o aluno como centro de todo o processo de ensino-aprendizagem, deixando que os alunos dessem as suas opiniões, respeitando-as e valorizando-as. Além disso, eram dadas tarefas aos alunos que lhes incutiam responsabilidade, como pedir a um aluno que tomasse conta da turma quando a professora tinha que sair, ou nomear os chefes da sala, que distribuíam trabalhos, livros e outros materiais que fossem necessários para a aula.

No que diz respeito às orientações curriculares para o 1.º Ciclo do Ensino Básico, do Ministério da Educação, a instituição tem como base as Metas Curriculares para o 1.º Ciclo do Ensino Básico de Português e de Matemática, o Programa de Estudo do Meio, as Metas Curriculares para o 1.º Ciclo do Ensino Básico de Inglês, o Programa de Educação Moral e Religiosa Católica e o Programa de Expressões, nas vertentes de Expressão e Educação Físico-Motora, Expressão e Educação Musical e Expressão e Educação Plástica. Os alunos tinham, ainda, aulas de informática, embora não exista um documento orientador referente ao 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Baseando-se em todas estas orientações, cada professora utiliza diversas estratégias, dando preferência àquelas com que mais se identifica e que considera serem mais eficazes para o grupo específico de crianças que têm na sua sala de aula, demonstrando-se mais facilitadoras para o desenvolvimento e aprendizagem deste. Assim, a professora tem autoridade e liberdade para mudar de método e estratégias ao perceber que estes não estão a ser vantajosos como era esperado, ajudando os alunos a atingir mais facilmente os vários objetivos delineados.

Durante o período de estágio, o Português e a Matemática foram as áreas mais abordadas, sendo o Estudo do Meio menos trabalhado. Assim, ao implementar o Projeto de

Expressões proposto no guião da Prática de Ensino Supervisionada (PES) preocupei-me em fazer a ponte entre o Estudo do Meio e as áreas das Expressões, do Português e da Matemática.

**Capítulo III – A Prática de Ensino Supervisionada
(PES) na Instituição**

O presente estudo sobre o ambiente educativo em sala de aula, focado no incumprimento das regras da sala de aula por parte dos alunos e na redistribuição frequente que as professoras fazem dos lugares dos alunos, tem como objetivo entender de que forma podem estes fatores ou recursos influenciar os alunos, o seu comportamento e, conseqüentemente, a sua aprendizagem.

Tal como já referi, este estudo foi realizado no decorrer do estágio concretizado na valência de 1.º Ciclo do Ensino Básico, com uma turma do 3.º ano, que decorreu no ano letivo de 2014/2015, tendo início a 3 de novembro de 2014 e término a 20 de fevereiro de 2015.

As problemáticas que funcionaram como ponto de partida para o estudo resultaram, em primeiro lugar, da dificuldade com que me deparei ao tentar que os alunos cumprissem as regras da sala de aula durante as aulas e houvesse, deste modo, um ambiente agradável e propício para a aprendizagem, e, em segundo lugar, da observação de uma estratégia utilizada quer pela professora titular da turma do 3.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico na qual realizei o referido estágio, quer por outras professoras da valência de 1.º Ciclo do Ensino Básico da mesma instituição, em contexto de sala de aula. Estas faziam frequentemente uma nova distribuição dos lugares dos alunos, o que me suscitou interesse e curiosidade. Partindo destas duas situações surgiram as três questões já apresentadas no capítulo I e às quais me propus dar resposta.

Neste estudo, tanto o nome da instituição, como o nome dos professores participantes foram salvaguardados pelo anonimato.

O estudo foi organizado em dois momentos distintos, tendo por base a minha preocupação, interesse e curiosidade relativamente às três questões levantadas e apresentadas no capítulo I. Num primeiro momento foi utilizada a observação não-estruturada como instrumento de recolha de dados, tal como descrito no capítulo I, e foram, posteriormente,

pensadas por mim e postas em prática diversas estratégias que levavam os alunos a respeitar e cumprirem as regras da sala de aula, sendo a minha intervenção junto das crianças ligada a esta temática. Num segundo momento foi utilizado o inquérito por questionário como instrumento de recolha de dados, tal como se encontra, também, descrito no capítulo I. O mencionado questionário foi elaborado por mim e preenchido por todos os professores titulares da valência de 1.º Ciclo do Ensino Básico da instituição onde foi realizado o estágio anteriormente referido, que se mostraram imediatamente disponíveis para cooperar e participar do estudo. Quanto a esta problemática, não houve intervenção da minha parte junto das crianças, sendo esta intervenção realizada apenas pelas professoras, e a informação foi recolhida apenas através do questionário acima mencionado e da qual foi feita uma cuidada análise.

1. Primeiro momento de observação: o incumprimento das regras da sala de aula

No decorrer do período de estágio referido no presente relatório deparei-me com algumas dificuldades por parte dos alunos em respeitar e cumprir as regras da sala de aula durante as aulas, o que dificultava, também, quer o meu papel enquanto estagiária/professora, quer o papel da professora titular, pois esta situação não ocorria apenas nas minhas aulas, mas também nas da professora, embora com menos frequência. Os alunos queriam todos responder às perguntas que eram feitas e participar nas aulas, mostrando-se entusiasmados e motivados, mas não o faziam ordenadamente nem colocavam o dedo no ar para que se lhes desse a palavra.

Ao ser feita uma pergunta dirigida a determinado aluno havia sempre outro(s) que respondia(m) na sua vez, não respeitando o colega nem a professora. Além disso, os alunos levantavam-se constantemente sem pedir autorização para tal, perturbando o bom funcionamento da aula. Quando um aluno tinha alguma dúvida e se levantava, dirigindo-se à professora ou a mim, havia mais alunos que seguiam esse comportamento e, rapidamente, estavam cinco ou seis alunos de pé, o que perturbava todo o funcionamento da aula e o trabalho dos colegas. Quando se pedia para que se sentassem, os alunos argumentavam dizendo ter dúvidas ou que queriam dizer uma coisa rápida e era difícil fazê-los voltar aos seus lugares.

Eu senti que alguma coisa tinha que ser feita. Não era possível comunicar com os alunos de forma saudável e animada quando estes não deixavam que isso acontecesse, falando todos ao mesmo tempo, e conversando uns com os outros, criando, assim, um ambiente cansativo e desagradável na sala de aula.

Tal como foi referido no capítulo I, a sala de aula é o espaço onde as crianças passam mais tempo da sua vida escolar, por isso, é essencial que nesta se crie um ambiente confortável, apelativo e motivador para estas. Além disso, a escola tem, também, o papel de educar para a cidadania, formando pessoas capazes de viver em sociedade e isto começa com a existência de regras

A minha intenção não era fazer com que os alunos estivessem totalmente em silêncio e inativos, antes pelo contrário, eu queria que todos participassem e que as aulas fossem divertidas e animadas. Para isso, era necessário que os alunos percebessem que tinham que estar ordenados para que não houvesse confusão e as aulas pudessem decorrer de forma agradável e dinâmica. Assim, era preciso agir rapidamente.

Desde o primeiro dia de estágio, a professora deu-me liberdade para interagir com as crianças e trabalhar em parceria com ela. Lembro-me que, por exemplo, logo nas primeiras horas de estágio, a professora teve a necessidade de se ausentar da sala e, por isso, pediu-me que ouvisse os alunos a ler um texto, que me indicou, emprestando-me o seu manual de português. Eu ainda não sabia como era habitual desenvolverem aquela tarefa, por isso, pedi aos alunos que me explicassem como era costume fazê-lo. Os alunos prontificaram-se a ajudar e explicaram-me como costumavam fazê-lo com a professora. Assim consegui realizar a tarefa e todos os alunos leram em voz alta. A partir da primeira semana de estágio, a professora deu-me espaço para começar a abordar determinadas temáticas com os alunos, pois eu também demonstrei interesse em fazê-lo.

Deste modo, tendo já este espaço para agir e com base nas situações observadas durante algum tempo de estágio, fui pondo em prática, nas minhas aulas, várias estratégias, tentando que os alunos melhorassem o seu comportamento. Com o passar do tempo, e após a implementação de várias estratégias, os alunos começaram a modificar os seus comportamentos, o que me deixou muito contente e motivada. Estava a conseguir atingir os

meus objetivos e a fazer com que os alunos compreendessem que assim, num ambiente calmo, era possível todos trabalharmos, rirmos juntos e divertirmo-nos.

Posto isto, apresento, de seguida, as estratégias que fui pensando e pondo em prática com os alunos, procurando levá-los a cumprir as regras da sala de aula, para que assim pudessem aprender e ter da professora o lado mais divertido de que eles tanto gostam.

A primeira estratégia que utilizei, no dia 17 de novembro de 2014 (planificação e respetiva avaliação - anexo I) foi relembrar as regras com os alunos. Estas já estavam implementadas, pois os alunos já as conheciam, mas era necessário avivar memórias a respeito delas. Tal como refiro no capítulo I, é muito importante que os alunos tenham conhecimento das regras e as entendam para que, assim, percebam que é preciso respeitá-las para que haja um bom funcionamento e um bom ambiente na sala de aula e que isto só irá facilitar a sua aprendizagem, bem como as tão importantes relações que se criam neste espaço. Para relembrar as regras, elaborei cartões em que se encontravam escritas as regras principais para o bom funcionamento da sala de aula, como, por exemplo, “Colocar o dedo no ar para falar e esperar pela tua vez” ou “Não conversar quando não é altura para o fazer”. Depois colei os cartões na barra do quadro (figura 1) e li as regras com os alunos, em voz



Figura 1 – Cartões com as regras colados na barra do quadro

alta. Primeiro apelei à participação de alguns alunos para que lessem as regras em voz alta e, de seguida, li eu própria as regras novamente. No decorrer da aula os alunos foram capazes de cumprir estas regras, demonstrando que tinham compreendido a sua utilidade.

Os referidos cartões ficaram sempre, até ao presente, na barra do quadro para que os alunos não se esquecessem das regras durante as outras aulas.

Mesmo com as regras expostas na sala de aula, com o passar do tempo, os alunos foram como que esquecendo a sua existência e o seu propósito, embora eu lhes pedisse regularmente que as lessem em voz alta. Lembro-me, por exemplo, de uma aula, em que eu estava a tentar dialogar com os alunos e estes estavam a conversar uns com os outros sem parar. Chamei-os à atenção mais que uma vez, pedindo que estivessem atentos e dizendo que no final daria tempo para conversarem. Ainda assim, os alunos continuavam a ter o mesmo comportamento. Eu tinha que fazer alguma coisa, por isso, parei um pouco a aula e pedi a todos os alunos que lessem as regras em voz alta, em uníssono. Os alunos assim o fizeram e eu pedi que o fizessem novamente. Depois deixei que os alunos ficassem em silêncio e pedi que cumprissem as regras para podermos todos conversar alegremente. Durante algum tempo, os alunos cumpriram-nas e participaram na aula de forma relativamente ordenada.

No dia 20 de janeiro de 2015 (planificação e respetiva avaliação - anexo II) os alunos estavam bastante participativos, mas, para participar, nem todos colocavam o dedo no ar e não esperavam pela sua vez para falar. Alguns alunos faziam-no e houve até alunos que se queixaram porque os colegas não os deixavam estar com atenção nem ouvir o que eu lhes dizia. Os alunos que não o faziam conversavam todos em simultâneo, criando alguma confusão na sala de aula e quando era feita uma pergunta dirigida a um aluno, este não chegava a responder, pois outros alunos faziam-no na sua vez. Tentei chamar a atenção dos alunos para este facto e para as regras da sala. Disse-lhes que não as estavam a cumprir, como tínhamos combinado, e que, por isso, eu estava a ficar triste com eles. Disse-lhes, também, que alguns colegas queriam ouvir o que eu tinha para dizer, mas não conseguiam pois havia barulho na sala de aula. Ainda assim, alguns alunos continuaram a não respeitar as regras e mantiveram o mesmo tipo de comportamentos. Esta atitude deixou-me triste e fez-me pensar no que poderia fazer mais para que os alunos entendessem o meu ponto de vista.

No dia seguinte, dia 21 de janeiro de 2015 (planificação e respetiva avaliação - anexo III) alguns alunos continuavam a não colocar o dedo no ar para participar na aula e a conversar todos ao mesmo tempo, gerando uma grande confusão na sala de aula. Eu tentei dialogar com eles e abordar a temática da aula, mas estes falavam sem que eu lhes tivesse feito perguntas nem apelasse à sua participação e, quando fazia uma pergunta a um aluno específico, logo outros alunos respondiam, não deixando que o aluno selecionado o fizesse.

Tentei, então, utilizar duas estratégias diferentes. Inicialmente, toquei um pequeno sino que se encontrava na sala de aula, o que fez com que os alunos parassem para olhar para mim, ficando em silêncio. Não esperavam ouvir aquele som nem percebiam o que tinha acontecido. Nesse momento, eu disse que estavam a agir de forma errada, e reforcei a ideia de que deviam cumprir as regras expostas na barra do quadro, tal como tínhamos combinado que fariam. Expliquei que assim conseguiríamos conversar todos, todos teriam oportunidade de participar na aula e, assim, deixar-me-iam muito contente. Durante alguns minutos os alunos mantiveram-se mais silenciosos e a participar ordenadamente na aula. Mesmo os que costumavam estar mais irrequietos levantavam o dedo e agitavam-no no ar, querendo ser os primeiros a ser escolhidos para participar. Eu estava orgulhosa deles por estarem a conseguir, mas, pouco tempo depois, voltaram aos comportamentos anteriores. Já não colocavam sempre o dedo no ar e começava a surgir algum burburinho na sala de aula. Posto isto, coloquei eu própria o dedo no ar para que me deixassem falar, mostrando que era o que devia ser feito quando queríamos participar. Os alunos pararam novamente, olhando para mim e esperando para ver o que faria de seguida. Fi-los ver, então, que eles próprios ficaram em silêncio para que eu pudesse falar e isto era o que acontecia com eles. Se colocassem o dedo no ar e esperassem pela sua vez para falar, ser-lhes-ia dada a palavra e poderiam participar sem confusões.

Após estas estratégias, vários alunos começaram a adotar os comportamentos corretos. Já colocavam o dedo no ar para participar na aula e eu dava-lhes a palavra, contente e orgulhosa por já serem capazes de agir desta forma e compreenderem que era importante que o fizessem. Ainda assim, havia alguns alunos que continuavam a manifestar o mesmo tipo de comportamentos, o que me fez pensar que tinha de haver uma forma de chegar até eles e de os fazer entender que deviam melhorar o seu comportamento para o seu próprio bem e para o bem dos colegas. Assim conseguiriam aprender coisas novas e participar nas aulas de forma alegre e divertida, sem que ninguém se zangasse com eles.

No dia 22 de janeiro de 2015 (planificação e respetiva avaliação - anexo IV), voltei a repetir as estratégias utilizadas no dia anterior. Uma vez que alguns alunos reagiram positivamente a estas estratégias (figura 2), já colocando o dedo no ar mais vezes quando

queriam participar ou pedir algo, e não conversando tanto com os colegas, teria que experimentar usá-las de novo para ver se sortiam algum efeito nos restantes alunos. Aos alunos que manifestavam os comportamentos corretos dava um reforço positivo, elogiando o seu



Figura 2 – Alguns alunos com o dedo no ar, à espera para participar na aula

comportamento e mostrando como estava orgulhosa deles. Dizia-lhes que estavam a ser maravilhosos e a conseguir portar-se muito bem. Tentava, assim, fazer com que os restantes alunos percebessem que deveriam comportar-se da mesma forma. Não lhes dizia diretamente que deviam comportar-se com os colegas, pois não queria de forma nenhuma fazer passar a ideia de que os outros alunos eram melhores e que estes não eram capazes de atingir o

mesmo patamar. Deixei, também, de chamar a atenção dos alunos que não cumpriam as regras, optando apenas por elogiar os alunos que as cumpriam.

No dia 23 de janeiro de 2015 (planificação e respetiva avaliação - anexo V), os alunos estavam bastante agitados. A maioria não colocava o dedo no ar, falavam todos ao mesmo tempo e muito alto. Pensei que tinha perdido tudo o que havia conquistado até então, pois até mesmo os alunos que já respeitavam as regras estavam inquietos. Após pedir várias vezes que se acalmassem e tomassem atenção à aula, sem obter uma reação positiva da parte dos alunos, pedi que retirassem do dossier uma folha pautada. Os alunos quiseram saber o porquê de tal pedido, perguntando-o todos ao mesmo tempo, sem colocar o dedo no ar. Fiquei, então, em silêncio e esperei que percebessem que deviam fazer o mesmo para que eu pudesse explicar o que iriam fazer. Ao proceder desta forma, alguns alunos entenderam a minha intenção e esperaram em silêncio. Alguns pediram até aos colegas que se calassem para que me fosse possível falar. Diziam-lhes coisas como “Calem-se! Não veem que a Andreia quer falar?!”, em tom zangado. Ao fazer-se finalmente silêncio, pedi aos alunos que copiassem as regras da sala de aula, antes de dar continuidade à aula. Os alunos não se opuseram e assim o fizeram, ficando um pouco mais calmos e mais calados de seguida, permitindo que eu pudesse continuar a aula calmamente. Sabiam que, se voltasse a levantar-se a confusão que estava anteriormente na sala de aula, teriam que copiar novamente as regras, o que penso que ajudou a que mantivessem o autocontrolo necessário.

No dia 27 de janeiro de 2015 (planificação e respetiva avaliação - anexo VI), os alunos estavam bastante participativos e entusiasmados. Queriam intervir na aula e, para isso, a maioria já colocava o dedo no ar com mais frequência, esperando pela sua vez de falar. Eu estava contente por serem capazes de o fazer e, por isso, fui elogiando todos esses alunos, dando um reforço positivo, e alertando, de forma indireta, os restantes para que se comportassem da mesma forma. Dessa forma a aula funcionaria melhor, sendo muito mais

agradável para eles e para mim, e, assim, haveria oportunidade para que todos participassem na mesma.

Continuei a utilizar esta estratégia nos dias seguintes: elogiava os alunos que tinham o comportamento correto e não repreendia os alunos que não o tinham. Mesmo assim, havia ainda alguns alunos que continuavam a não respeitar as regras, parecendo não entender o que era pretendido.

Na penúltima semana do período de estágio procedi à realização de um projeto de expressões, proposto no guião da Prática de Ensino Supervisionada (PES). O projeto tinha como tema central o Carnaval. Assim, foquei-me na Lenda do Arlequim e, conseqüentemente, em Veneza (teia de atividades e respetivas planificações e avaliações – anexos VII e VIII). Durante essa semana, os alunos mantiveram-se sempre entusiasmados e motivados, querendo saber o que iria acontecer no dia seguinte e correspondendo positivamente às minhas estratégias para os levar a cumprir as regras da sala de aula.

No primeiro dia do projeto, no início da aula, informei a turma de que apenas daria a palavra e deixaria participar os alunos que colocassem o dedo no ar. Seria como um jogo. Eu queria que eles entendessem que, dessa forma, a aula seria agradável e divertida, quer para eles, quer para mim, e aprenderiam coisas novas.

Dialoguei, também, com os alunos explicando que, quando ia às minhas aulas na “escola dos grandes” (Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich - ESEIMU), os alunos não chamavam o nome da professora até que ela lhes desse atenção. Esperavam, com o dedo no ar, até que a professora lhes desse oportunidade de participar. Para que entendessem melhor, fiz a mesma coisa com os próprios alunos, chamando repetidamente o nome deles quando queria fazer-lhes uma pergunta ou chamá-los a participar. Ao fazer isto com alguns alunos, houve um aluno que, colocando o dedo no ar, esperou que eu lhe desse a palavra. Quando lhe passei a palavra, o aluno disse-me apenas “Ai Andreia, isso é

irritante”. O aluno referia-se ao facto de eu chamar repetidamente o nome de cada aluno. Os seus colegas concordaram que estava a tornar-se irritante e cansativo e, por isso, expliquei que era dessa forma que a professora titular e eu nos sentíamos quando eles o faziam connosco. Eles riram-se e demonstraram perceber o meu ponto de vista, dizendo até “Coitadas...”.

No decorrer de toda a semana fui reforçando positivamente os alunos que tinham o comportamento correto e questionando os que não o faziam, perguntando, por exemplo, “Colocaste o dedo no ar? Eu não vi...” ou “Pediste autorização a quem para te levatares? Não foi a mim...”. Quando apelava à participação dos alunos, seleccionava os que estavam mais sossegados e atentos e colocavam o dedo no ar, esperando pela sua vez de falar. Isto fez com que os restantes alunos fossem, pouco a pouco, compreendendo a mensagem. Aqueles que eu elogiava mostravam-se orgulhosos e mantinham o seu comportamento correto. Aqueles que eu questionava acerca do seu comportamento riam-se pela forma como eu o fazia e iam modificando o comportamento, aos poucos. Tal como é referido no capítulo I, com uma mistura de diversão e disciplina consegue criar-se um ambiente de segurança na sala de aula e proporcionar momentos de alegria.

Além destas estratégias, comecei a circular mais pela sala. Já o fazia, mas intensifiquei esta atitude, para que assim, estando mais próxima de todos os alunos, estes percebessem que estava ali para os ajudar e ensinar novas coisas e não para os castigar. Podiam pedir sempre ajuda e participar nas aulas, desde que o fizessem da forma correta para que a aula pudesse decorrer forma calma, mas divertida.

Ao pensar nesta dificuldade que a turma tinha em termos de autocontrolo, resolvi conversar com a professora titular da turma e sugeri-lhe que nos mantivéssemos em sintonia também relativamente a este aspeto. Assim, a professora começou a utilizar a mesma estratégia que eu, para que os alunos fossem interiorizando as regras, não só comigo, mas

também com a principal figura de autoridade dentro da sala de aula. A professora aceitou a proposta e começou a utilizar a mesma estratégia. A princípio, os alunos comentaram que a professora estava a fazer o mesmo que eu e acharam alguma graça à situação, como se tudo aquilo fosse uma brincadeira. Era precisamente dessa forma que nós queríamos que eles encarassem a situação. Não como um castigo, mas sim como uma espécie de jogo em que há regras a serem cumpridas.

Ao chegar ao final da semana e, conseqüentemente, ao final do projeto, a turma não parecia a mesma. Os alunos colocavam o dedo no ar e esperavam pela sua vez, calmamente, sem chamar repetidamente pelo meu nome ou pelo nome da professora (figura 3). Quando



Figura 3 – Alunos com o dedo no ar, esperando pela sua vez para participar na aula

tinham uma dúvida e queriam levantar-se e ir até junto de mim ou da professora para que esta fosse esclarecida, colocavam o dedo no ar e pediam autorização para o fazer.

Pude observar uma mudança gradual, mas enorme, no comportamento dos alunos, o que me

deixou bastante contente e melhorou, consideravelmente, o ambiente vivido na sala de aula.

2. Segundo momento: questionários aos professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico – redistribuição frequente dos lugares dos alunos

Ao observar que, quer a professora com quem estagiei, quer outras professoras, redistribuíam os lugares dos alunos regularmente, tive curiosidade em saber porque o faziam e o que poderia esta estratégia contribuir para o bom funcionamento das aulas e para a aprendizagem dos alunos. Assim, procedi à construção de um questionário com perguntas de resposta aberta e de resposta fechada (anexo IX) que pedi às 12 professoras do 1.º Ciclo do Ensino Básico da instituição onde estagiei que preenchessem. Estas colaboraram e assim o fizeram.

De acordo com os resultados obtidos nos questionários, que foram por mim analisados e organizados em gráficos (anexo X), todas as professoras consideram a organização da sala de aula um fator importante no processo de ensino-aprendizagem. Estas focam-se na concentração dos alunos como objetivo principal ao pensarem na organização da sua sala de aula, fugindo à criação de focos de distração, mas procurando manter o ambiente estimulante para os alunos.

Ainda de acordo com os resultados obtidos nos questionários, todas as professoras redistribuem os lugares dos seus alunos várias vezes durante o ano letivo:

1. 50% das professoras redistribuí os lugares uma vez por mês;
2. 25% redistribuí duas vezes por mês;
3. 8% redistribuí apenas uma vez por período;
4. 17% das professoras deram outra resposta, dizendo mudar os alunos de lugar consoante o necessário, não havendo um padrão repetitivo.

As professoras fazem esta redistribuição dos lugares focando-se na sociabilidade entre todos os alunos, permitindo-lhe que estejam pertos de todos os colegas, conhecendo-se e relacionando-se, de forma a criar um clima de amizade e evitando a formação de pequenos grupos. As professoras têm, também, em atenção o comportamento dos alunos, as suas necessidades e a sua concentração, referindo que, ao muda-los de lugar, estes ficam mais atentos. As professoras procuram, ainda, dar oportunidade a todos os alunos para estarem nas diferentes áreas da sala de aula.

De entre alguns fatores relevantes para a criação de um ambiente propício ao processo de ensino-aprendizagem, a seleção por parte das professoras foi a seguinte:

1. 42% escolheu como primeiro fator a existência de regras na sala de aula, estando estas bem explicadas aos alunos;
2. 25% escolheu como segundo fator a distribuição dos lugares dos alunos;
3. 25% escolheu como terceiro fator a arrumação e organização dos materiais disponíveis para utilização dos alunos e do professor;
4. 25% escolheu como quarto fator a disposição das carteiras.

As professoras referem que estes fatores auxiliam no bom funcionamento das aulas e de toda a dinâmica de aprendizagem, possibilitando uma maior atenção e concentração por parte dos alunos. As professoras indicam ainda que estes fatores contribuem para uma boa relação entre professor e alunos.

Considerações Finais

Tendo em conta toda a experiência vivida no decorrer do período de Prática de Ensino Supervisionada (PES) no qual se baseia este relatório, chego à conclusão que é muito importante ter sempre em atenção o ambiente educativo da sala de aula, contando com tudo o que este abarca.

No decorrer do período de estágio deparei-me com a dificuldade imensa que é tentar dialogar com os alunos acerca de determinada matéria e verificar que há alunos que se mostram interessados e que estão a tentar ouvir e participar, enquanto outros não estão interessados em ouvir e atrapalham o bom funcionamento da sala de aula, influenciando negativamente a aprendizagem dos colegas. Posto isto, tive que agir e pensar em estratégias e soluções que levassem os alunos a cumprir as regras da sala de aula, pondo-as, posteriormente, em prática. Durante as aulas em que implementei as diferentes estratégias os alunos foram, aos poucos e de forma muito gradual, aderindo às regras, começando a respeitá-las mais vezes, embora por vezes se esquecessem e fosse preciso lembrá-los da sua existência. Assim, apercebi-me de que, para que os alunos cumpram as regras, é necessário que estas sejam lembradas e reforçadas ao longo do ano letivo. Deste modo, os alunos têm-nas sempre presentes, levando-os a cumpri-las e, tornando, assim, o ambiente em sala de aula calmo e agradável.

Ao implementar estas estratégias, percebi, também, que, para que os alunos respeitem as regras e as cumpram no decorrer das aulas, a atitude do professor perante elas tem que ser explícita e nunca ambígua. Isto é, o professor tem que mostrar aos alunos que é necessário cumprir as regras, como aconteceu, por exemplo, quando apenas deixei participar na aula os alunos que colocavam o dedo no ar, para que estes entendam que assim as aulas decorrem de forma calma e que, ao mesmo tempo, podem ser muito divertidas. Assim, constatei que é importante dar particular atenção à atitude que o professor tem perante as regras da sala de aula, pois elas são imprescindíveis, não só para que se mantenha um ambiente agradável,

confortável, de amizade e confiança e um bom clima de ensino e de aprendizagem, mas também para que assim se preparem os alunos para a vida numa sociedade em que terão que respeitar sempre as regras de boa convivência para que sejam seres humanos educados e capazes de viver em comunidade, respeitando sempre os outros e o mundo que os rodeia.

Passado algum tempo, com a implementação das estratégias, os alunos já conseguiam estar em silêncio durante mais tempo, colocavam o dedo no ar para participar na aula, não se levantavam dos seus lugares sem antes pedir autorização, não chamavam pelo meu nome ou pelo nome da professora repetidas vezes, entre outros comportamentos que melhoraram e me deixaram muito orgulhosa deles e de mim própria por ter conseguido atingir os objetivos delineados.

Foi esta mudança gradual no comportamento dos alunos que mais me marcou neste estágio. Toda a amizade, afetividade e relação de confiança que se criou entre mim e eles e entre mim e a professora também me marcaram positivamente, deixando-me com uma postura descontraída e confortável, pois era assim que me sentia na sala de aula, junto deles.

Este foi um estágio no qual aprendi muito, houve uma grande partilha de saberes e experiências, que foi bastante importante para mim, quer como pessoa, quer como futura profissional.

A professora ajudou-me sempre e partilhou comigo as suas ideias para que eu também desse a minha opinião, fazendo-me sentir que trabalhava em parceria consigo. Mas, o que me marcou realmente, fazendo-me crescer muito enquanto futura profissional foi o facto de conseguir refletir sobre a minha própria postura e atitude e, ao modifica-la, conseguir fazer com que os alunos mudassem os seus comportamentos, começando a respeitar as regras, os colegas e a mim, sendo minha intenção que, deste modo, os alunos tivessem um melhor ambiente de aprendizagem.

No final do estágio foi possível realizar uma semana com atividades diferentes, estando elas interligadas, constituindo estas o Projeto de Expressões proposto no guião da Prática de Ensino Supervisionada (PES). Isto manteve os alunos motivados pois, ao estarem interligadas, as atividades suscitaram a curiosidade dos alunos, que queriam saber o que iriam fazer e aprender no dia seguinte.

Concluo que, para além de ser necessário um ambiente em que haja uma relação de confiança, se os alunos estiverem envolvidos e interessados nos conteúdos abordados, sendo o papel do professor conduzi-los para tal, a motivação e os comportamentos são totalmente diferentes, promovendo um bom ambiente educativo.

Para que isto seja possível, é fundamental perceber o que está por de trás destes comportamentos pois o importante não é tratar dos sintomas mas das causas e daí o meu olhar atento para outros indicadores também importantes. Com este estudo pude, também, constatar que é importante fazer frequentemente algumas mudanças na sala de aula, nomeadamente modificando a distribuição dos lugares em que os alunos se sentam, mudando assim os estímulos que os rodeiam e o ponto de vista que têm de toda a sala e do quadro, deixando-os mais atentos e concentrados.

No decorrer do período de estágio, observei que a professora cooperante fazia uma redistribuição bastante frequente dos lugares nos quais os alunos se sentavam e, ao ter uma semana de contato com outros contextos, dentro da mesma instituição, no âmbito da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada (PES), pude perceber, quer em observação, quer em conversa, que outras professoras tinham o mesmo comportamento, modificando os lugares dos alunos de forma frequente. Quis, então, entender por que motivo o faziam.

Para recolher a informação necessária, elaborei um questionário que pedi às professoras que preenchessem. Através deste questionário consegui, também, perceber um pouco a visão que as professoras tinham do ambiente educativo da sala de aula de forma geral.

Analisando os resultados obtidos nos questionários, cheguei à conclusão de que as professoras redistribuíam os lugares dos seus alunos, não por um motivo apenas, mas por vários motivos.

As professoras faziam-no com foco nas relações criadas e construídas na sala de aula, pensando na socialização entre todos os alunos. Ao mudarem os seus lugares, as professoras davam aos alunos a oportunidade de estarem sentados perto de colegas diferentes, acabando estes por se conhecer todos uns aos outros e se relacionar todos de forma amigável, ajudando-se sempre que necessário e não havendo formação de grupos.

Ao fazerem esta redistribuição, as professoras tinham, também, como objetivo contornar as dificuldades demonstradas pelos alunos e favorecer a sua concentração, pois, ao mudarem de lugar, os alunos estavam expostos a diferentes estímulos. As professoras faziam-no de forma a possibilitar a todos os alunos que se sentassem em diferentes zonas da sala de aula.

Com este estudo, chego à conclusão de que a sala de aula é um espaço onde se aprende, não só os conteúdos a ser abordados de acordo com os documentos orientadores do Ministério da Educação, mas também a saber estar e agir no mundo em que vivemos e na vida em sociedade.

Com a realização deste relatório fui capaz de satisfazer a minha curiosidade e interesse em saber se havia alguma forma de levar os alunos a compreenderem e respeitarem as regras da sala de aula e por que motivo e qual a importância de mudar os alunos de lugar várias vezes durante o ano letivo, percebendo quais as implicações que estes fatores têm no ambiente educativo da sala de aula, na aquisição das aprendizagens por parte dos alunos e até no trabalho do próprio professor.

Como futura profissional de educação tenho como objetivo ter sempre em atenção estes fatores na minha sala de aula. Refletirei sempre que necessário e tentarei pensar em novas

estratégias para pôr em prática tentando que o ambiente em sala de aula seja sempre o melhor e o mais motivador possível para os meus alunos e, conseqüentemente, para mim própria, enquanto professora.

Na realização deste relatório, outras questões surgiram que irão receber de mim especial atenção e sobre as quais irei pesquisar posteriormente. Por exemplo, será importante, ao distribuir os lugares dos alunos, ter em atenção a alternância entre rapaz e rapariga? Será uma boa estratégia colocar alunos mais distraídos junto de alunos mais atentos? Será que a mudança de lugar, separando os “amigos” uns dos outros, traz sempre benefícios para o ambiente da sala de aula e deixa os alunos mais atentos e concentrados? Ou será que estes “amigos”, ao serem separados, tentam comunicar entre si durante as aulas, prejudicando ainda mais o funcionamento das mesmas? Como futura profissional e tendo em conta a minha curiosidade e interesse, tentarei, posteriormente, encontrar respostas para estas questões.

Durante este estudo houve algumas situações que dificultaram a execução do presente relatório. Uma das dificuldades que senti foi o facto de me ser difícil encontrar informação. Foi necessário passar várias horas em diferentes bibliotecas e pesquisar em diversos livros para recolher a informação apresentada no presente documento.

Outra dificuldade por mim sentida na execução deste relatório final foi o atraso por parte de algumas professoras ao preencherem os questionários, fazendo com que atrasasse toda a sua análise algumas semanas.

Considero que, com a realização deste relatório final, adquiri um vasto conhecimento relativamente ao tema abordado no mesmo, despertando-me, como futura profissional, para determinados fatores influenciadores de todo o processo de ensino-aprendizagem que se dá na sala de aula e para o facto de que o ambiente vivido nesta tem de ser facilitador e motivador para a aquisição das aprendizagens dos alunos e nunca dificultador desta.

A realização deste relatório final levou-me a refletir sobre a postura e a atitude do professor em sala de aula e sobre todos os recursos que este tem ao seu dispor diariamente para que, ao recorrer a estes, seja capaz de melhorar o ambiente vivido em sala de aula, criando, deste modo, o ambiente propício para a aprendizagem dos alunos.

Referências Bibliográficas

- Afonso, N. (2005). *Investigação Naturalista em Educação - Um guia prático e crítico*. Porto: ASA.
- Aires, L. M. (2009). *Disciplina na Sala de Aula - Um Guia de Boas Práticas para Professores do 3º CEB e Ensino Secundário*. Lisboa: Sílabo, Lda.
- Albertino, M. d., & Peterossi, H. G. (s.d.). *Ambiente Educacional Como Facilitador da Aprendizagem na Educação Profissional*. Brasil: SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial & Centro Paula Souza.
- Arends, R. I. (1995). *Aprender a Ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill de Portugal.
- Arriada, E., Nogueira, G. M., & Vahl, M. M. (2012). A sala de aula no século XIX: disciplina, controle, organização. In *Conjectura - Filosofia e Educação* (Vol. 17 n°2, pp. 37-54). Caixas do Sul.
- Azcue, J. (2012). *A escola onde se aprende*. Cascais: Príncipeia.
- Biasutti, B. (1977). *Guia para uma educação não repressiva - A civilização contra a criança?* Lisboa: Moraes Editores.
- Brazelton, T. B. (1984). *Dar atenção à criança para compreender os problemas normais do crescimento*. Lisboa: Terramar.
- Carita, A., & Fernandes, G. (2012). *Indisciplina na Sala de Aula*. Lisboa: Editorial Presença.
- Decreto-Lei n.º 240/2001 de 30 de Agosto da Direção Geral da Educação. (2001).
- Espelage, D. L., & Lopes, J. A. (2013). *Indisciplina na escola*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Estrela, M. T. (1994). *Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na Aula*. Porto: Porto Editora.

- Estrela, M. T. (2007). A indisciplina, os professores e a sua formação. In S. N. Caldeira, *(Des)ordem na Escola: mitos e realidades* (pp. 23-42). Coimbra: Quarteto.
- Fernandes, P. M. (2005). *A (re)construção do ambiente educativo das escolas e a educação multi-intercultural*. Braga: Universidade do Minho.
- Ferreira, M. S., & Santos, M. R. (2007). *Aprender a Ensinar, Ensinar a Aprender*. Porto: Edições Afrontamento.
- Ginott, H. G. (1973). *O professor e a criança*. Rio de Janeiro: Bloch Editores.
- Jesus, S. N. (1999). *Como prevenir e resolver o stress dos professores e a indisciplina dos alunos?* Lisboa: ASA.
- Lei n.º 46/86 de 14 de outubro da Assembleia da República. (1986). *Diário da República: I Série - N.º 237*.
- Marques, R. (2001). *Saber Educar - Guia do Professor*. Lisboa: Editorial Presença.
- Mauco, G. (1975). *A educação afectiva e caracterial da criança*. Lisboa: Livros Horizonte, LDA.
- Perraudeau, M. (1996). *Piaget hoje*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Peterson, R., & Felton-Collins, V. (1986). *Manual de Piaget para professores e pais*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Pinto, J. L. (2005). *Escola Global - Quo Vadis?* Porto: Campo das Letras.
- Vieira, H. (2000). *A Comunicação na Sala de Aula*. Lisboa: Editorial Presença.

Anexos

Anexo I - Aula de dia 17 de novembro de 2014

Planificação

Ano – nº de alunos	Área	Tarefa	Duração – Data
3º ano – 24 alunos	Português	Tipos de texto	Manhã – 17.11.2014

O que pretendo que o aluno aprenda			
Conteúdos Programáticos	Meta	Descritores	Modalidades e Instrumentos de Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> • Texto narrativo: fábula • Texto poético • Texto descritivo • Texto dialogal • Texto dramático 	<ul style="list-style-type: none"> • Ler textos diversos 	<ul style="list-style-type: none"> • Ler pequenos textos narrativos, informativos e descritivos, notícias, cartas, convites e banda desenhada 	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação do trabalho à turma • Ficha formativa
Razão de escolha da tarefa:	Temática a ser trabalhada neste momento com a professora titular		

O que proponho para que o aluno aprenda	
Metodologia	<ul style="list-style-type: none"> • Colar, por cima do quadro, cartões com as regras, previamente elaborados e que apoiarão todas as aulas seguintes: <ul style="list-style-type: none"> ○ Pôr o dedo no ar para falar e esperar pela tua vez; ○ Não conversar quando não é altura para o fazer; ○ Escutar a professora com atenção; ○ Trabalhar com atenção e empenho; • Colar, no quadro, cartões com as regras especiais que irão apoiar esta aula, especificamente: <ul style="list-style-type: none"> ○ Não trocar informações entre grupos; ○ Cada grupo tem um porta-voz; ○ A informação só é projetada três vezes; • Pedir às crianças que formem 5 grupos, orientando a forma como se devem sentar (alguns viram-se para trás) – 4 grupos terão 5 elementos e 1 grupo terá 4 elementos devido ao número de alunos da turma; • Projetar a informação sobre os tipos de texto que serão trabalhados e suas características, utilizando um Power Point; • Distribuir exemplos dos vários tipos de texto (um exemplar para cada aluno do grupo) – cada grupo recebe um tipo de texto diferente; • Pedir aos alunos que leiam atentamente o texto que lhes foi atribuído; • Distribuir uma folha colorida e um envelope para cada grupo contendo tiras de papel com as características de todos os tipos de texto; • Pedir aos alunos que leiam atentamente as características para que depois saibam selecionar as que se relacionam com o seu texto; • Projetar novamente a informação através do Power Point; • Pedir aos alunos que olhem novamente para as tiras com as características dos textos e organizem, sobre a folha colorida, as características que estão relacionadas com o seu texto; • Projetar novamente a informação através do Power Point; • Pedir aos alunos que cole as características do seu texto na folha colorida; • Pedir a um grupo de cada vez que apresente à turma as características do seu texto para que os restantes grupos tentem adivinhar qual o tipo de texto de que estão a falar – o grupo que adivinha recebe um ponto (tampa de garrafa) • No final das apresentações, contar o número de pontos que cada grupo

	<p>conseguiu – o grupo que tiver mais pontos recebe duas pistas/enigmas e os restantes grupos recebem uma pista/enigma. Cada pista/enigma leva a um local da sala onde estará escondida uma palavra que deverão colar no quadro;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Deixar que os alunos descodifiquem a mensagem, descobrindo, assim, onde se encontra o prémio da atividade (caramelos de fruta); • Distribuir o prémio por todos os alunos.
Ação do professor	<ul style="list-style-type: none"> • Transmitir conhecimentos • Ouvir os alunos, mediando a sua participação na aula • Auxiliar os alunos enquanto trabalham em grupo
Organização dos alunos	<ul style="list-style-type: none"> • Grupos (4 grupos de 5 alunos e 1 grupo de 4 alunos)
Recursos materiais	<ul style="list-style-type: none"> • Computador, datashow e Power Point • Textos impressos • Envelopes com tiras de papel – características dos textos • Folhas coloridas • Tampas de garrafa • Pistas/enigmas impressos • Palavras impressas para formar uma frase • Caramelos de fruta
Recursos humanos	<ul style="list-style-type: none"> • Os alunos e a professora
Previsão das estratégias a utilizar pelos alunos	<ul style="list-style-type: none"> • Tentar organizar as características do seu texto enquanto a professora passa o Power Point
Previsão de dificuldades	<ul style="list-style-type: none"> • Esperar pela sua vez para falar; • Falar baixo dentro do grupo para que os outros grupos não oiçam; • Não partilhar informação com os outros grupos; • Memorizar as características todas de uma vez.
Prevenção das dificuldades	<ul style="list-style-type: none"> • Colar as regras no quadro de forma a estarem visíveis e seja fácil chamar a atenção para elas; • Projetar a informação mais que uma vez.
Como posso relacionar esta tarefa com as outras áreas de aprendizagem	<ul style="list-style-type: none"> • Contagem dos pontos de cada equipa

Relato da aula	
Tipos de texto	<p>Comecei por colar, sobre o quadro, os cartões que elaborei com as seguintes regras:</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Pôr o dedo no ar para falar e esperar pela tua vez; ○ Não conversar quando não é altura para o fazer; ○ Escutar a professora com atenção; ○ Trabalhar com atenção e empenho; <p>Estes cartões tinham o propósito de ser aplicados nesta aula e de ficarem ali para os poder utilizar em aulas futuras.</p> <p>De seguida, colei no quadro, cartões com as seguintes regras especiais que iriam apoiar esta aula:</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Não trocar informações entre grupos; ○ Cada grupo tem um porta-voz; ○ A informação só é projetada três vezes; <p>Depois de dialogar com os alunos sobre as regras, pedi que formassem 5 grupos, orientando-os quanto aos lugares onde se sentariam. Devido ao número de alunos, foram formados 4 grupos com 5 elementos e 1 grupo com 4 elementos.</p> <p>Formados os grupos, projetei no quadro informações sobre os tipos de texto que iriam ser trabalhados na aula.</p> <p>De seguida, distribui um texto de um dos tipos por cada grupo e pedi aos alunos que lessem o seu em silêncio e com atenção. Distribui, então, pelos grupos, folhas coloridas e envelopes contendo tiras de papel com as características de todos os tipos de texto falados e pedi aos alunos que as lessem para que depois pudessem selecionar as que se relacionavam com o seu texto.</p> <p>Seguidamente projetei mais uma vez a informação no quadro e pedi-lhes que olhassem com atenção para as tiras com as características dos textos e organizassem as que estavam relacionadas com o seu texto sobre a folha colorida.</p> <p>Voltei então, e pela última vez, a projetar a informação no quadro, para depois passar por todos os grupos e verificar se as características selecionadas correspondiam ao seu texto e pedir que as colassem na folha colorida.</p> <p>Terminada esta parte da aula, chamei um grupo de cada vez para que apresentasse à turma as características do seu texto. Os restantes grupos tinham que adivinhar qual o tipo de texto que se estava a caracterizar. O grupo que adivinhava recebia um tampa de plástico que simbolizava um ponto.</p> <p>No final das apresentações, pedi a cada grupo que dissesse o número de pontos que tinha obtido. O grupo que obteve mais pontos recebeu dois enigmas, os restantes grupos receberam apenas um. Cada enigma conduzia a um local da sala onde estava escondida uma palavra. Cada grupo recolheu a sua palavra e, em conjunto, a turma desvendou a frase escondida e descobriu onde se encontrava o tesouro (caramelos de fruta). Assim, a aula chegou ao final e distribui o prémio por todos os alunos.</p>

Reflexão sobre o trabalho desenvolvido:	
Reação	No decorrer da aula os alunos comportaram-se dentro do que era esperado. Uma vez que o trabalho era para ser desenvolvido em grupo houve, como é normal, alguma conversa que consegui controlar. Os alunos participaram alegremente em toda a atividade, trabalharam bem em grupo e estiveram atentos, cumprindo as regras sobre as quais falámos no início da aula.
Questões relevantes que surgiram	
Os alunos tiveram algumas dificuldades na seleção das características do seu tipo de texto e questionaram sobre isso. Assim, eu ajudei-os nesta tarefa.	
Imprevistos que surgiram ao nível:	
do tema	Houve alguma dificuldade por parte dos alunos em selecionar as características do seu tipo de texto, apesar de a informação ter sido projetada.
da planificação	Na planificação está indicado que as palavras encontradas seriam coladas no quadro, mas na aula isto não aconteceu. Não houve um motivo especial para este acontecimento, mas com a excitação dos alunos acabei por deixar que cada grupo ficasse na posse da sua palavra e fosse ouvindo as palavras que iam sendo descobertas pelos restantes grupos.
da atitude dos alunos	Os alunos tiveram um comportamento dentro do que era esperado, cumprindo as regras.
Como os resolvi:	
Imprevisto - Os alunos tiveram alguma dificuldade em selecionar as características do seu tipo de texto, apesar de a informação ter sido projetada.	Ajudei os alunos a pensar nas características que tinham selecionado e a ver no texto se estas se verificavam.
Dar continuidade:	
em que áreas	Matemática
Como	Contagem dos pontos de cada grupo
Quando	Na mesma aula

Anexo II - Aula de dia 20 de janeiro de 2015

Planificação

Ano – nº de alunos	Área	Tarefa	Duração – Data
3º ano – 24 alunos	Matemática	Centena de milhar	2 horas – 20.01.2015

O que pretendo que o aluno aprenda			
Conteúdos Programáticos	Meta	Descritores	Modalidades e Instrumentos de Avaliação
• Centena de milhar	• Contar até um milhão	• Estender as regras de construção dos numerais cardinais até um milhão	<ul style="list-style-type: none"> • Diálogo com os alunos • Leitura de números em voz alta • Realização dos exercícios das páginas 78 e 79 do manual de matemática
Razão de escolha da tarefa:	• Temática a ser trabalhada neste momento com a professora titular		

O que proponho para que o aluno aprenda	
Metodologia	<ul style="list-style-type: none"> • Elegendo alguns alunos de forma aleatória, fazer a leitura por extenso, por classes e por ordens, do número 99.999, representado no ábaco de tampas • Pedir a um aluno, escolhido aleatoriamente, que some 1 unidade ao número lido anteriormente • Dialogar com os alunos sobre o nome desta nova ordem que acabámos de conhecer (centena de milhar) • Elegendo alguns alunos de forma aleatória, fazer a leitura por ordens e por classes de alguns números no ábaco de tampas • Com a participação de alguns alunos, escolhidos de forma aleatória, escrever no quadro, em esquema, o nome das várias ordens de um número • Pedir aos alunos que passem para o caderno esta informação • Pedir aos alunos que leiam e façam os exercícios das páginas 78 e 79 do manual de matemática • Com a participação dos alunos, fazer a correção dos exercícios no quadro
Ação do professor	<ul style="list-style-type: none"> • Transmitir conhecimentos • Ouvir os alunos, mediando a sua participação na aula
Organização dos alunos	• Cada um sentado no seu lugar
Recursos materiais	<ul style="list-style-type: none"> • Ábaco de tampas de garrafa, construído por mim • Manual de matemática adotado pela instituição • Caderno de matemática dos alunos
Recursos humanos	• Os alunos e a professora
Previsão de dificuldades	<ul style="list-style-type: none"> • Saber esperar pela sua vez • Fazer leitura de números incluindo a nova ordem aprendida
Prevenção das dificuldades	<ul style="list-style-type: none"> • Relembrar as regras sempre que necessário • Fazer a leitura de vários números para que os alunos interiorizem o que aprenderam

Avaliação

Relato da aula	
Centena de milhar	<p>Comecei por colocar no ábaco as tampas necessárias para formar o número 99.999. Depois, elegi alguns alunos, um de cada vez, de forma completamente aleatória, e pedi que fizessem a leitura do número por extenso, por classes e por ordens.</p> <p>De seguida, pedi a um aluno, que escolhi aleatoriamente, que adicionasse uma unidade ao número lido anteriormente, utilizando as tampas e o ábaco. Para isso expliquei que não podem estar dez tampas num mesmo pauzinho. Quando isto acontece, retiramos todas as tampas e colocamos uma no pauzinho seguinte.</p> <p>Depois, expliquei que a ordem que tínhamos acabado de conhecer se chamava centena de milhar.</p> <p>Elegi, então, alguns alunos, de forma completamente aleatória, para fazerem a leitura por ordens, por classes e por extenso de alguns números que fui representando no ábaco de tampas. Para isso, pedi aos alunos que fechassem os olhos enquanto eu colocava ou retirava tampas do ábaco. De seguida, o aluno escolhido fazia a leitura que lhe era pedida.</p> <p>Depois, pedi aos alunos que fizessem os exercícios das páginas 78 e 79 do manual de matemática enquanto eu escrevia no quadro, em esquema, o nome das várias ordens de um número.</p> <p>De seguida pedi aos alunos que, ao terminarem os exercícios do manual, copiassem para o caderno o que eu tinha escrito no quadro.</p> <p>No final fizemos a correção dos exercícios no quadro. Para isso, fui chamando um aluno de cada vez para que fizesse a correção de um exercício no quadro.</p>
Reflexão sobre o trabalho desenvolvido:	
Reação	Os alunos mantiveram-se atentos e participativos, querendo participar e fazer a leitura de um número. Para participar, nem todos colocavam o dedo no ar e alguns respondiam quando não era a sua vez de o fazer, falando ao mesmo tempo que os colegas. Embora eu tenha chamado a atenção dos alunos várias vezes, alguns continuaram com o mesmo comportamento.
Questões relevantes que surgiram	
Os alunos questionaram se, quando num dos pauzinhos do ábaco não havia nenhuma tampa, representava-se com um “zero” ou não se escrevia nada nesse lugar. Eu expliquei que tinham que colocar um “zero” pois, se não o fizessem, o número não ficaria correto.	
Imprevistos que surgiram ao nível:	
do tema	Não surgiram dúvidas ao nível do tema. Os alunos sabiam já o nome da ordem a ser trabalhada, embora eu tenha explicado como se fosse a primeira vez que ouviam aquele nome, de forma a ter a certeza que todos os alunos ficavam a sabe-lo.
da planificação	Percebi que o tempo de aula estava a terminar e não ia chegar para fazer tudo o que estava programado.

<p>da atitude dos alunos</p>	<p>De uma forma geral, os alunos não foram capazes de esperar pela sua vez, não colocando o dedo no ar e falando quando não era a sua vez de o fazer, respondendo, assim, na vez dos colegas, não os respeitando.</p>
<p style="text-align: center;">Como os resolvi:</p>	
<p>Imprevisto - Percebi que o tempo de aula estava a terminar e não ia chegar para fazer tudo o que estava programado</p>	<p>Tive que fazer algumas alterações nos passos previstos na planificação. Pedi aos alunos que resolvessem os exercícios do manual enquanto eu própria fazia o esquema no quadro com os nomes de cada uma das ordens de um número para, assim, poupar tempo, pois vi que este estava a terminar e ainda havia a correção dos exercícios para fazer. Desta forma consegui que fosse feito tudo o que estava programado e a aula terminou na hora devida.</p>
<p>Imprevisto - De uma forma geral, os alunos não foram capazes de esperar pela sua vez, não colocando o dedo no ar e falando quando não era a sua vez de o fazer, respondendo, assim, na vez dos colegas, não os respeitando.</p>	<p>Tentei chamar os alunos à atenção, mas, ainda assim, houve alunos que mantiveram os mesmos comportamentos.</p>

Anexo III - Aula de dia 21 de janeiro de 2015

Planificação

Ano – nº de alunos	Área	Tarefa	Duração – Data
3º ano – 24 alunos	Matemática	A multiplicação: estratégias de cálculo	1 hora – 21.01.2015

O que pretendo que o aluno aprenda			
Conteúdos Programáticos	Meta	Descritores	Modalidades e Instrumentos de Avaliação
A multiplicação: estratégias de cálculo	<ul style="list-style-type: none"> Multiplicar números naturais 	<ul style="list-style-type: none"> Multiplicar dois números de dois algarismos, decompondo um deles em dezenas e unidades, utilizando a propriedade distributiva e completando o cálculo com recurso à disposição usual do algoritmo 	<ul style="list-style-type: none"> Diálogo com os alunos Realização dos exercícios da página 82 do manual de matemática
Razão de escolha da tarefa:	<ul style="list-style-type: none"> Temática a ser trabalhada neste momento com a professora titular 		

O que proponho para que o aluno aprenda	
Metodologia	<ul style="list-style-type: none"> Lançar à turma uma problemática relacionada com várias estratégias de cálculo, colando no quadro a seguinte informação: <ul style="list-style-type: none"> Na aula de Matemática, a professora Ema pediu aos alunos que resolvessem a seguinte operação: 4×25 Todos os alunos chegaram ao mesmo resultado, mas não resolveram todos a operação da mesma forma... Como será isto possível? Apresentar, colando no quadro, as estratégias utilizadas por quatro alunos da professora Ema: <ul style="list-style-type: none"> Pedro – $4 \times 25 = 4 \times (20 + 5) = 4 \times 20 + 4 \times 5 = 80 + 20 = 100$ David – $4 \times 25 = 4 \times (30 - 5) = 4 \times 30 - 4 \times 5 = 120 - 20 = 100$ Isabel – $4 \times 25 = 4 \times (5 \times 5) = 4 \times 5 \times 5 = 20 \times 5 = 100$ Ana – $4 \times 25 = (2 \times 2) \times 25 = 2 \times (2 \times 25) = 2 \times 50 = 100$ Pedir a quatro alunos, selecionados aleatoriamente, expliquem, um de cada vez, uma das estratégias utilizadas pelos quatro alunos da professora Ema Pedir aos alunos que, no caderno, após abrir a lição, resolvam o seguinte exercício, colando-o no quadro: <ul style="list-style-type: none"> Utilizando as estratégias que estes alunos usaram, calcula: 6×28 Pedir a quatro alunos, selecionados aleatoriamente, que resolvam a operação no quadro utilizando cada um uma das estratégias usadas pelos quatro alunos da professora Ema Pedir aos alunos que resolvam os exercícios da página 82 do manual de matemática Com a participação dos alunos, fazer a correção dos exercícios no quadro
Ação do professor	<ul style="list-style-type: none"> Transmitir conhecimentos Ouvir os alunos, mediando a sua participação na aula

Organização dos alunos	<ul style="list-style-type: none">• Cada um sentado no seu lugar
Recursos materiais	<ul style="list-style-type: none">• Problemática, estratégias de cálculo e exercício impressos para colar no quadro• Manual de matemática adotado pela instituição
Recursos humanos	<ul style="list-style-type: none">• Os alunos e a professora
Previsão das estratégias a utilizar pelos alunos	<ul style="list-style-type: none">• Olhar atentamente para as estratégias dos alunos da professora Ema para resolver os exercícios
Previsão de dificuldades	<ul style="list-style-type: none">• Saber esperar pela sua vez• Utilizar corretamente as estratégias de cálculos
Prevenção das dificuldades	<ul style="list-style-type: none">• Relembrar as regras sempre que necessário• Deixar as estratégias utilizadas pelos alunos da professora Ema coladas no quadro até ao final da aula

Avaliação

Relato da aula	
A multiplicação: estratégias de cálculo	<p>Comecei por colar no quadro, utilizando bostik, a seguinte problemática relacionada com várias estratégias de cálculo:</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Na aula de Matemática, a professora Ema pediu aos alunos que resolvessem a seguinte operação: 4×25 ○ Todos os alunos chegaram ao mesmo resultado, mas não resolveram todos a operação da mesma forma... Como será isto possível? <p>Depois, apresentei, colando no quadro, uma das estratégias de quatro dos alunos da professora Ema:</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Isabel – $4 \times 25 = 4 \times (5 \times 5) = 4 \times 5 \times 5 = 20 \times 5 = 100$ <p>De seguida pedi a um aluno, selecionado aleatoriamente, que tentasse explicar por palavras suas a estratégia apresentada.</p> <p>Depois pedi aos alunos que abrissem a lição no caderno de Matemática e resolvessem algumas operações, que escrevi no quadro, utilizando a mesma estratégia. Seguidamente fiz a correção das operações no quadro, solicitando a participação dos alunos, selecionando-os de forma aleatória, fazendo-lhes perguntas sobre o que deveria fazer para resolver cada uma das operações.</p> <p>De seguida apresentei mais uma estratégia de um dos quatro alunos da professora Ema e o processo repetiu-se: pedi aos alunos que resolvessem algumas operações no caderno de Matemática, utilizando esta mesma estratégia.</p> <p>E assim sucessivamente até serem apresentadas as quatro estratégias.</p> <p>Seguidamente, pedi aos alunos que, no caderno, resolvessem o seguinte exercício, colando-o no quadro:</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Utilizando as estratégias que estes alunos usaram, calcula: 6×28 <p>Depois fiz a correção da operação no quadro, solicitando a participação dos alunos, selecionando-os de forma aleatória, fazendo-lhes perguntas sobre o que deveria fazer para resolver a operação utilizando cada uma das estratégias apresentadas.</p> <p>Por fim, pedi aos alunos que resolvessem os exercícios da página 82 do manual de Matemática.</p>
Reflexão sobre o trabalho desenvolvido:	
Reação	<p>Os alunos mantiveram-se atentos e participativos. Para participar, nem todos colocavam o dedo no ar e alguns respondiam quando não era a sua vez de o fazer, falando ao mesmo tempo que os colegas. Embora eu tenha chamado a atenção dos alunos várias vezes, alguns continuaram com o mesmo comportamento.</p>
Questões relevantes que surgiram	
<p>Os alunos fizeram muitas questões pois não perceberam como se utilizavam as estratégias apresentadas, demonstrando bastantes dificuldades em perceber esta temática.</p>	

Imprevistos que surgiram ao nível:	
do tema	Inicialmente, os alunos tiveram muitas dificuldades em entender esta temática. Não percebiam o porquê de utilizar estratégias diferentes e não entenderam como as utilizar.
da planificação	O tempo previsto para a aula não foi suficiente para fazer tudo o que estava planeado.
da atitude dos alunos	De uma forma geral, os alunos não foram capazes de esperar pela sua vez, não colocando o dedo no ar e falando quando não era a sua vez de o fazer.
Como os resolvi:	
Imprevisto - Inicialmente, os alunos tiveram muitas dificuldades em entender esta temática. Não percebiam o porquê de utilizar estratégias diferentes e não entenderam como as utilizar.	Apresentei uma estratégia de cada vez, ao invés de apresentar todas em simultâneo. Depois escrevi no quadro várias operações simples para que os alunos utilizassem cada uma das estratégias, de forma a entendê-las mais fácil e rapidamente.
Imprevisto - O tempo previsto para a aula não foi suficiente para fazer tudo o que estava planeado.	Uma vez que os alunos tiveram muitas dúvidas relativamente a esta temática, o tempo estipulado não foi suficiente para fazer tudo o que estava previsto. Assim, a aula teve que ser dividida em três dias. Desta forma, os alunos tiveram oportunidade de resolver diversos exercícios, utilizando cada uma das estratégias, ficando, assim, a entender melhor como estas se utilizam.
Imprevisto - De uma forma geral, os alunos não foram capazes de esperar pela sua vez, não colocando o dedo no ar e falando quando não era a sua vez de o fazer.	Tentei chamar os alunos à atenção, utilizando várias estratégias, como tocar um sininho quando todos falavam em simultâneo e colocar o braço no ar para que os alunos entendessem que também deviam fazê-lo, mas, ainda assim, houve alunos que mantiveram os mesmos comportamentos.

Anexo IV - Aula de dia 22 de janeiro de 2015

Planificação

Ano – nº de alunos	Área	Tarefa	Duração – Data
3º ano – 24 alunos	Matemática	Milhão	1 hora – 22.01.2015

O que pretendo que o aluno aprenda			
Conteúdos Programáticos	Meta	Descritores	Modalidades e Instrumentos de Avaliação
• Milhão	<ul style="list-style-type: none"> • Contar até um milhão • Descodificar o sistema de numeração decimal 	<ul style="list-style-type: none"> • Estender as regras de construção dos numerais cardinais até um milhão • Efetuar contagens progressivas e regressivas, com saltos fixos, que possam tirar partido das regras de construção dos numerais cardinais até um milhão • Representar qualquer número natural até 1.000.000, identificando o valor posicional dos algarismos que o compõem e efetuar a leitura por classes e por ordens 	<ul style="list-style-type: none"> • Diálogo com os alunos • Leitura de números em voz alta • Realização dos exercícios das páginas 78 e 79 do manual de matemática
Razão de escolha da tarefa:	• Temática a ser trabalhada neste momento com a professora titular		

O que proponho para que o aluno aprenda	
Metodologia	<ul style="list-style-type: none"> • Com a participação dos alunos, fazer a leitura por extenso, por classes e por ordens, de um número até à ordem das centenas de milhar, representado no ábaco de tampas, para relembrar a última ordem aprendida • Com a participação dos alunos, fazer a leitura por extenso, por classes e por ordens, do número 999.999, representado no ábaco de tampas • Pedir a um aluno, escolhido aleatoriamente, que some 1 unidade ao número lido anteriormente • Dialogar com os alunos sobre o nome desta nova classe à qual chegámos (milhões) e sobre as suas três ordens (unidade de milhão, dezena de milhão e centena de milhão) • Elegendo alguns alunos de forma aleatória, fazer a leitura por ordens e por classes de alguns números no ábaco de tampas • Com a participação de alguns alunos, escolhidos de forma aleatória, escrever no quadro, o nome das várias classes e ordens de um número até às centenas de milhão, utilizando as siglas (classes – U, M e m; ordens – U, D, C, UM, DM, CM, Um, Dm e Cm)

	<ul style="list-style-type: none">• Pedir aos alunos que passem para o caderno esta informação• Pedir aos alunos que leiam atentamente e façam os exercícios das páginas 90 e 91 do manual de matemática• Com a participação dos alunos, fazer a correção dos exercícios no quadro
Ação do professor	<ul style="list-style-type: none">• Transmitir conhecimentos• Ouvir os alunos, mediando a sua participação na aula
Organização dos alunos	<ul style="list-style-type: none">• Cada um sentado no seu lugar
Recursos materiais	<ul style="list-style-type: none">• Ábaco de tampas de garrafa, construído por mim• Manual de matemática adotado pela instituição• Caderno de matemática dos alunos
Recursos humanos	<ul style="list-style-type: none">• Os alunos e a professora
Previsão de dificuldades	<ul style="list-style-type: none">• Saber esperar pela sua vez• Fazer leitura de números incluindo a nova classe aprendida e respetivas ordens
Prevenção das dificuldades	<ul style="list-style-type: none">• Relembrar as regras sempre que necessário• Fazer a leitura de vários número para que os alunos interiorizem o que aprenderam

Avaliação

Relato da aula	
Milhão	<p>Comecei por colocar no ábaco as tampas necessárias para representar um número aleatório e pedi a alguns alunos, selecionados de forma aleatória, que fizessem a leitura do número. Assim, lembrei o nome a última ordem aprendida (centena de milhar).</p> <p>De seguida coloquei no ábaco as tampas necessárias para formar o número 999.999. Depois, solicitei a participação de outros dos alunos, selecionando-os de forma aleatória, e pedi que fizessem a leitura do número por extenso, por classes e por ordens.</p> <p>Seguidamente, pedi a um aluno, escolhido aleatoriamente, que adicionasse uma unidade ao número lido anteriormente. Assim, expliquei que chegámos à classe dos milhões e que esta, tal como as outras classes, é composta por três ordens: unidade de milhão, dezena de milhão e centena de milhão.</p> <p>De seguida, elegendo alguns alunos de forma aleatória, pedi que fizessem a leitura por ordens e por classes de alguns números no ábaco de tampas, já incluindo a classe dos milhões.</p> <p>Depois, com a participação de alguns alunos, escolhidos de forma aleatória, escrevi no quadro, o nome das várias classes e ordens de um número até às centenas de milhão e pedi aos alunos que passassem para o caderno esta informação.</p> <p>Seguidamente, pedi aos alunos que lessem atentamente e fizessem os exercícios das páginas 90 e 91 do manual de Matemática, corrigindo-os, depois, no quadro com a participação dos alunos, escolhidos aleatoriamente.</p>
Reflexão sobre o trabalho desenvolvido:	
Reação	Os alunos mantiveram-se atentos e participativos. Para participar, nem todos colocavam o dedo no ar e alguns respondiam quando não era a sua vez de o fazer, falando ao mesmo tempo que os colegas. Embora eu tenha chamado a atenção dos alunos várias vezes, alguns continuaram com o mesmo comportamento.
Questões relevantes que surgiram	
Os alunos perguntaram se podiam colocar o “ponto” entre cada classe para, assim, ser mais fácil de visualizar o número e conseguir fazer a sua leitura.	
Imprevistos que surgiram ao nível:	
do tema	Não surgiram grandes dúvidas ao nível do tema. Os alunos sabiam já o nome da classe a ser trabalhada, embora eu tenha explicado como se fosse a primeira vez, e perceberam rapidamente que esta classe tinha três ordens, tal como as restantes classes já trabalhadas.
da planificação	Não surgiram imprevistos ao nível da planificação.

da atitude dos alunos	Nem todos alunos foram capazes de esperar pela sua vez, não colocando o dedo no ar e falando quando não era a sua vez de o fazer. Ainda assim, houve alunos que foram capazes de o fazer de forma correta.
Como os resolvi:	
Imprevisto - Nem todos alunos foram capazes de esperar pela sua vez, não colocando o dedo no ar e falando quando não era a sua vez de o fazer. Ainda assim, houve alunos que foram capazes de o fazer de forma correta.	Tentei chamar os alunos à atenção, utilizando várias estratégias, como tocar um sininho quando todos falavam em simultâneo e colocar o braço no ar para que os alunos entendessem que também deviam fazê-lo, mas, ainda assim, houve alunos que mantiveram os mesmos comportamentos. Optei, também, por fazer um reforço positivo aos alunos que colocavam o dedo no ar e esperavam que lhes desse permissão para falar, respeitando as regras.

Anexo V - Aula de dia 23 de janeiro de 2015

Planificação

Ano – nº de alunos	Área	Tarefa	Duração – Data
3º ano – 24 alunos	Matemática	Estimativas e arredondamentos	1 hora – 23.01.2015

O que pretendo que o aluno aprenda			
Conteúdos Programáticos	Meta	Descritores	Modalidades e Instrumentos de Avaliação
• Estimativas e arredondamentos	• Descodificar o sistema de numeração decimal	• Arredondar um número natural à dezena, à centena, ao milhar, à dezena de milhar ou à centena de milhar mais próxima, utilizando o valor posicional dos algarismos	• Diálogo com os alunos • Exercícios da páginas 94 e 95 do manual de matemática
Razão de escolha da tarefa:	• Temática a ser trabalhada neste momento com a professora titular		

O que proponho para que o aluno aprenda	
Metodologia	<ul style="list-style-type: none"> • Levar para a aula duas caixas de diferentes dimensões, ambas com o mesmo número de pedrinhas de rio • Dividir a turma em dois grupos, de acordo com a forma como os alunos estão dispostos na sala (ala direita e ala esquerda) • Deixando passar uma das caixas com pedrinhas por todos os alunos de um dos grupos, perguntar a cada um quantas pedrinhas pensam estar no interior da mesma, salientando que não podem dar respostas repetidas • Registrar as respostas dos alunos no quadro à medida que estes as vão dando e pedir aos alunos que abram a lição e as vão passando para o caderno, deixando cinco linhas após a abertura da lição • Repetir o processo com a outra caixa, deixando-a passar por todos os alunos do outro grupo e registando no quadro as suas respostas • Dialogar com os alunos sobre o que acabámos de fazer – estimativas – e perguntar como pensaram para chegar ao resultado • Informar os alunos acerca do número correto de pedrinhas que contêm as caixas • Utilizando os números registados no quadro e acrescentando outros, aumentando o número de algarismos, fazer, com a participação dos alunos, arredondamentos às dezenas, centenas, unidades de milhar, dezenas de milhar, centenas de milhar, unidades de milhão, dezenas de milhão e centenas de milhão • Pedir aos alunos que vão acrescentando esta informação no caderno • Pedir aos alunos que escrevam o título “Arredondamentos” no início • Pedir aos alunos que façam os exercícios das páginas 94 e 95 do manual de matemática
Ação do professor	<ul style="list-style-type: none"> • Transmitir conhecimentos • Ouvir os alunos, mediando a sua participação na aula

Organização dos alunos	<ul style="list-style-type: none">• Cada um sentado no seu lugar
Recursos materiais	<ul style="list-style-type: none">• Duas caixas• Pedrinhas de rio• Manual de matemática adotado pela instituição
Recursos humanos	<ul style="list-style-type: none">• Os alunos e a professora
Previsão das estratégias a utilizar pelos alunos	<ul style="list-style-type: none">• Os alunos deverão utilizar estratégias diferentes para chegar ao número de pedrinhas que pensam estar dentro da caixa que tiveram na mão, por isso irei perguntar como pensaram
Previsão de dificuldades	<ul style="list-style-type: none">• Saber esperar pela sua vez• Perceber como se fazem os arredondamentos de forma correta
Prevenção das dificuldades	<ul style="list-style-type: none">• Relembrar as regras no início da aula• Fazer o arredondamento de vários números para que os alunos interiorizem o que aprenderam

Avaliação

Relato da aula	
Estimativas e arredondamentos	<p>Levei para a aula duas caixas de diferentes dimensões, ambas com o mesmo número de pedrinhas de rio.</p> <p>Dividi a turma em dois grupos, de acordo com a forma como os alunos estão sentados na sala (ala direita e ala esquerda).</p> <p>Depois, deixando passar uma das caixas com pedrinhas por todos os alunos de um dos grupos, perguntei a cada um quantas pedrinhas pensava estar no interior da mesma, salientando que não podem dar respostas repetidas. À medida que os alunos iam respondendo, fui registando as suas respostas no quadro e pedi a todos os alunos que abrissem a lição e fossem copiando os números para o caderno, deixando cinco linhas após a abertura da lição.</p> <p>De seguida repeti o processo com a outra caixa, deixando-a passar por todos os alunos do outro grupo e registando no quadro as suas respostas.</p> <p>Depois expliquei aos alunos que tínhamos acabado de fazer estimativas e perguntei como pensaram para chegar ao resultado.</p> <p>Seguidamente disse aos alunos o número correto de pedrinhas que continha cada uma das caixas (70) e deixei que um aluno de cada grupo (os que estavam mais sossegados e com um melhor comportamento) contasse o número de pedras de cada caixa, de forma a confirmar se tinham mesmo 70, pois os alunos não acreditavam que tivessem tantas pedras.</p> <p>Depois, utilizando os números registados no quadro e acrescentando outros, aumentando o número de algarismos, fiz, com a participação dos alunos, escolhendo os que estavam com melhor comportamento, arredondamentos às dezenas, centenas, unidades de milhar, dezenas de milhar, centenas de milhar, unidades de milhão, dezenas de milhão e centenas de milhão e pedi aos alunos que fossem copiando para o caderno.</p> <p>De seguida, pedi aos alunos que escrevessem o título “Arredondamentos” no início, nas cinco linhas que deixaram após a abertura da lição.</p> <p>Depois, mandei uma ficha de trabalho como trabalho de casa, pois não houve tempo para que esta fosse feita na aula.</p>
Reflexão sobre o trabalho desenvolvido:	
Reação	Os alunos não colocavam o dedo no ar e alguns respondiam quando não era a sua vez de o fazer, falando ao mesmo tempo que os colegas. Embora eu tenha chamado a atenção dos alunos várias vezes, alguns continuaram com o mesmo comportamento.
Questões relevantes que surgiram	
Os alunos duvidaram do facto de estarem mesmo 70 pedras dentro de cada uma das caixas, por isso, pedi que as contassem	
Imprevistos que surgiram ao nível:	
do tema	Os alunos não entenderam rapidamente como são feitos os arredondamentos, tendo algumas dúvidas.

da planificação	A aula foi parada durante uns minutos para que os alunos copiassem para uma folha as regras da sala de aula.
da atitude dos alunos	Muitos alunos não foram capazes de esperar pela sua vez, não colocando o dedo no ar e falando quando não era a sua vez de o fazer. Além disso, interromperam constantemente a aula para fazer comentários despropositados e colocar questões às quais iriam obter resposta imediatamente se não tivessem interrompido.
Como os resolvi:	
Imprevisto - Os alunos não entenderam rapidamente como são feitos os arredondamentos, tendo algumas dúvidas.	Propus vários exercícios no quadro, solicitando a participação dos alunos.
Imprevisto - A aula foi parada durante uns minutos para que os alunos copiassem para uma folha as regras da sala de aula.	Como os alunos estavam a desrespeitar-se, a desrespeitar-me a mim e a desrespeitar as regras da sala de aula, o que não estava a possibilitar que eu falasse e dialogasse com os alunos, pedi que estes tirassem uma folha pautada e copiassem as regras da sala de aula em silêncio.
Imprevisto - Muitos alunos não foram capazes de esperar pela sua vez, não colocando o dedo no ar e falando quando não era a sua vez de o fazer. Além disso, interromperam constantemente a aula para fazer comentários despropositados e colocar questões às quais iriam obter resposta imediatamente se não tivessem interrompido.	Pedi aos alunos que tirassem uma folha pautada e copiassem as regras da sala de aula em silêncio, antes de dar continuidade à aula

Anexo VI - Aula de dia 27 de janeiro de 2015

Planificação

Ano – nº de alunos	Área	Tarefa	Duração – Data
3º ano – 24 alunos	Estudo do Meio	Classificação das plantas	1h30 – 27.01.2015

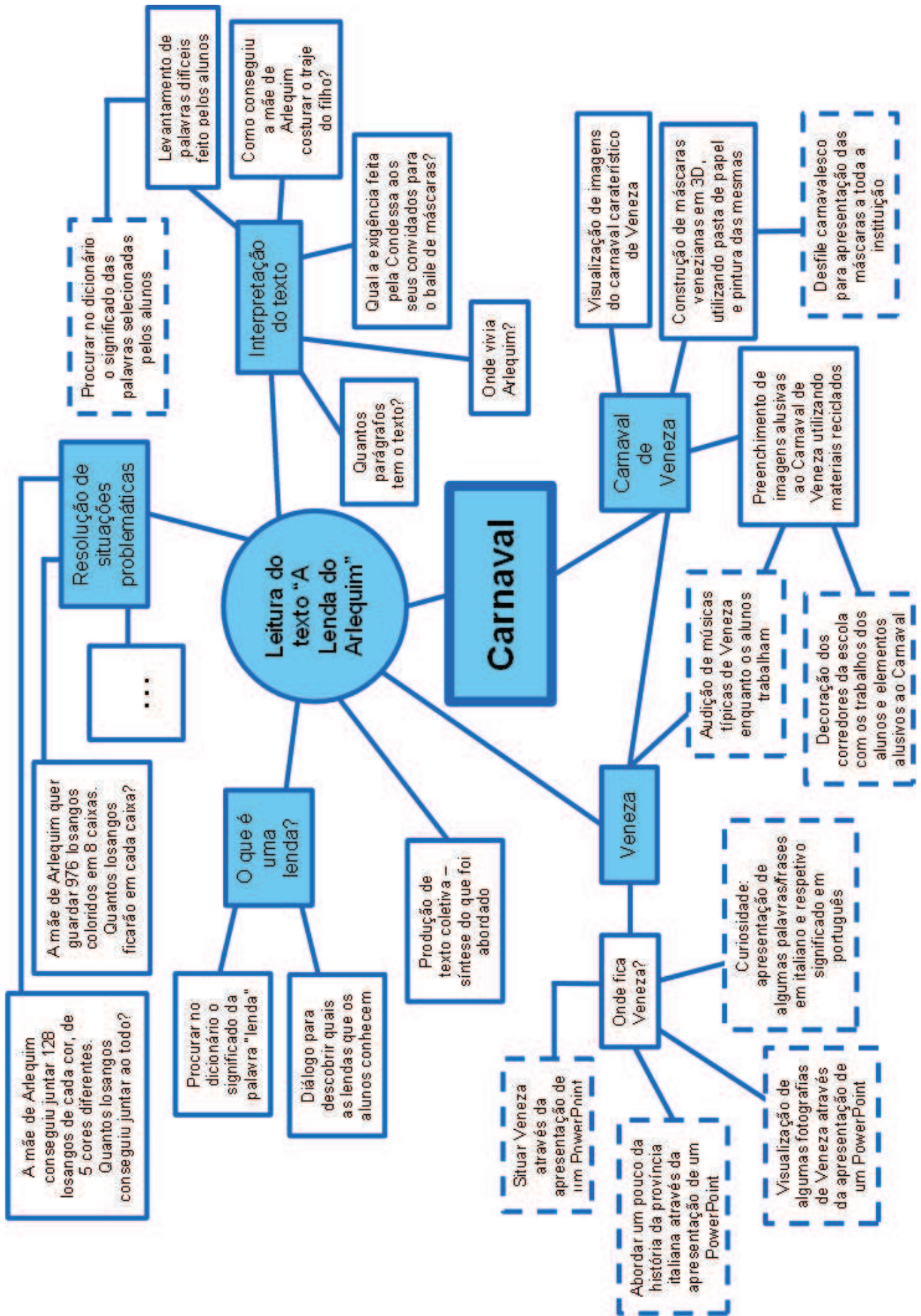
O que pretendo que o aluno aprenda		
Conteúdos Programáticos	Objetivos	Modalidades e Instrumentos de Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> • O tamanho das plantas • As flores das plantas • Plantas de folha caduca e plantas de folha persistente • Plantas comestíveis e não comestíveis 	<ul style="list-style-type: none"> • Comparar e classificar plantas segundo alguns critérios, tais como: cor da flor, forma da folha, folha caduca ou persistente, forma da raiz, plantas comestíveis e não comestíveis... 	<ul style="list-style-type: none"> • Diálogo com os alunos • Jogo de diferenças apresentado através de powerpoint • Ficha formativa
Razão de escolha da tarefa:	<ul style="list-style-type: none"> • Temática a ser trabalhada neste momento com a professora titular 	

O que proponho para que o aluno aprenda	
Metodologia	<ul style="list-style-type: none"> • Dialogar com os alunos sobre as diferenças que existem entre as várias plantas que existem no nosso planeta • Com a participação dos alunos, fazer a leitura em voz alta das páginas 70 e 71 do manual de Estudo do Meio • À medida que é feita a leitura, dialogar com os alunos sobre as temáticas abordadas (tamanho das plantas, flores das plantas, plantas de folha caduca e plantas de folha persistente e plantas comestíveis e não comestíveis) • Distribuir uma ficha formativa com os mesmos exercícios que serão apresentados no jogo de diferenças para que os alunos as completem de acordo com os dados do jogo • Projetar no quadro o powerpoint, de forma a fazer a revisão das temáticas abordadas através de um jogo de diferenças entre imagens e pedir aos alunos que vão preenchendo a ficha com os dados que estão em falta • Pedir aos alunos que colem a ficha no caderno de Estudo do Meio, após abrir a lição
Ação do professor	<ul style="list-style-type: none"> • Transmitir conhecimentos • Ouvir os alunos, mediando a sua participação na aula
Organização dos alunos	<ul style="list-style-type: none"> • Cada um sentado no seu lugar
Recursos materiais	<ul style="list-style-type: none"> • Manual de Estudo do Meio adotado pela instituição • Computador e datashow para projeção de powerpoint
Recursos humanos	<ul style="list-style-type: none"> • Os alunos e a professora
Previsão de dificuldades	<ul style="list-style-type: none"> • Saber esperar pela sua vez
Prevenção das dificuldades	<ul style="list-style-type: none"> • Relembrar as regras sempre que necessário
Como posso relacionar esta tarefa com as outras áreas de aprendizagem	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura em voz alta

Avaliação

Relato da aula	
Classificação das plantas	<p>Comecei por dialogar com os alunos sobre as diferenças que existem entre as várias plantas que do nosso planeta.</p> <p>Depois, com a participação dos alunos, escolhendo-os de forma aleatória, foi feita a leitura em voz alta das páginas 70 e 71 do manual de Estudo do Meio.</p> <p>À medida que era feita a leitura, fui dialogando com os alunos sobre as temáticas abordadas (tamanho das plantas, flores das plantas, plantas de folha caduca e plantas de folha persistente e plantas comestíveis e não comestíveis).</p> <p>De seguida, distribuí uma ficha formativa com os mesmos exercícios que foram apresentados num jogo de diferenças projetado no quadro, para que os alunos as completassem de acordo com os dados do jogo.</p> <p>Projetando, então, o powerpoint no quadro, de forma a fazer a revisão das temáticas abordadas através de um jogo de diferenças entre imagens, pedi aos alunos que fossem preenchendo a ficha com os dados que estavam em falta e que apareciam no citado powerpoint.</p> <p>Por fim, pedi aos alunos que colassem a ficha numa folha para guardar no dossier, no separador de Estudo do Meio, após abrir a lição.</p>
Reflexão sobre o trabalho desenvolvido:	
Reação	Os alunos demonstraram-se participativos, já colocando mais recorrentemente o dedo no ar, ao contrário do que aconteceu em aulas anteriores.
Questões relevantes que surgiram	
Os alunos questionaram quando iniciava e terminava cada uma das estações do ano a propósito da queda das folhas das plantas de folha caduca.	
Imprevistos que surgiram ao nível:	
do tema	Não surgiram imprevistos ao nível do tema.
da planificação	Não surgiram imprevistos ao nível da planificação.
da atitude dos alunos	Muitos alunos já colocaram o dedo no ar mais recorrentemente para participar na aula. Ainda assim, houve alguns elementos que continuaram com o mesmo comportamento de aulas anteriores.
Como os resolvi:	
Imprevisto - Muitos alunos já colocaram o dedo no ar mais recorrentemente para participar na aula. Ainda assim, houve alguns elementos que continuaram com o mesmo comportamento de aulas anteriores.	Fui elogiando os alunos que tinham o comportamento correto, colocando o dedo no ar e esperando pela sua vez para participar, dando, deste modo, um reforço positivo, e fui alertando os alunos que não o faziam para que o fizessem também.

Anexo VII – Projeto de Expressões – Teia de Atividades



Anexo VIII – Projeto de Expressões – Planificações e avaliações

Planificação

Ano – nº de alunos	Área	Tarefa	Duração – Data
3º ano – 24 alunos	Português	Interpretação do texto “A Lenda do Arlequim”	1h30 – 06.02.2015

O que pretendo que o aluno aprenda			
Conteúdos Programáticos	Meta	Descritores	Modalidades e Instrumentos de Avaliação
Interpretação de texto	<ul style="list-style-type: none"> • Ler textos diversos • Compreender o essencial dos textos escutados e lidos • Monitorizar a compreensão 	<ul style="list-style-type: none"> • Ler pequenos textos narrativos, informativos e descritivos, notícias, cartas, convites e banda desenhada • Responder, oralmente e por escrito, de forma completa, a questões sobre os textos • Sublinhar as palavras desconhecidas, inferir o significado a partir de dados contextuais e confirmá-lo no dicionário 	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura em voz alta • Perguntas de interpretação do texto - oralmente
Razão de escolha da tarefa:	<ul style="list-style-type: none"> • Aproximação à época festiva do Carnaval 		

O que proponho para que o aluno aprenda	
Metodologia	<ul style="list-style-type: none"> • Dialogar com os alunos de forma a perceber se sabem do que se trata uma lenda • Pedir a um aluno escolhido aleatoriamente (o que estiver mais sossegado, por exemplo), que procure no dicionário o significado da palavra “lenda” • Distribuir por todos os alunos o texto “A Lenda do Arlequim” • Fazer a leitura em voz alta do texto “A Lenda do Arlequim”, com a participação de todos os alunos, lendo cada um uma parte do texto e voltando ao início sempre que este termina • Fazer perguntas de interpretação do texto para que os alunos respondam oralmente (“Quantos parágrafos tem o texto?”, “Onde vivia Arlequim?”, “Como conseguiu a mãe de Arlequim costurar o traje do filho?”, ...) • Perguntar aos alunos quais as palavras do texto que não conhecem e escrevê-las no quadro • Pedir aos alunos que as procurem no dicionário • Escolher alguns alunos de forma aleatória (os que colocam o braço no ar em primeiro lugar e em silêncio) para que leiam em voz alta o significado das mesmas • Pedir aos alunos que colem o texto no caderno de Português <p>Nota: Pedir aos alunos que escrevam na caderneta um recado para que os pais saibam que é necessário que os alunos levem, na próxima semana, materiais para reciclar</p>

Ação do professor	<ul style="list-style-type: none"> • Selecionar os alunos que devem ler, dizendo o seu nome, até que todos tenham lido uma parte do texto • Ouvir os alunos e mediar a sua participação na aula, deixando participar apenas quem coloca o dedo no ar e espera pela sua vez em silêncio. <ul style="list-style-type: none"> ○ Reforçar positivamente este comportamento, elogiando os alunos que o demonstram ○ Questionar os alunos que não o demonstram, de forma a relembrar que devem fazê-lo (ex.: “Colocaste o dedo no ar? Eu não me apercebi...”) • Circular pela sala de forma a manter a proximidade com os alunos, controlando melhor o comportamento da turma
Organização dos alunos	<ul style="list-style-type: none"> • Cada um no seu lugar, com as carteiras alinhadas e todas viradas para o quadro, deixando um corredor ao centro
Recursos materiais	<ul style="list-style-type: none"> • Texto “A Lenda do Arlequim” • Caderno de Português
Recursos humanos	<ul style="list-style-type: none"> • Os alunos e a professora
Previsão de estratégias a utilizar pelos alunos	<ul style="list-style-type: none"> • Tentar encontrar as palavras no dicionário rapidamente para ser escolhido para responder • Tentar colocar o dedo no ar em primeiro lugar e tentar não falar para que eu os escolha
Previsão das dificuldades	<ul style="list-style-type: none"> • Colocar o dedo no ar e, em silêncio, esperar pela sua vez para falar • Reconhecer e saber o significado de algumas palavras do texto (ex.: exigência, habilidosamente, ...)
Prevenção das dificuldades	<ul style="list-style-type: none"> • Escolher para participar os alunos que colocam o dedo no ar e esperam pela sua vez em silêncio – elogiar os alunos que o fazem, fazendo um reforço positivo • Circular pela sala de forma a manter a proximidade com os alunos, controlando melhor o comportamento da turma • Fazer um levantamento das palavras que os alunos não conhecem e pedir-lhes que procurem no dicionário o significado das mesmas
Como posso relacionar esta tarefa com as outras áreas de aprendizagem	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer e localizar Veneza • Conhecer o Carnaval de Veneza e diferenciá-lo do Carnaval de Portugal • Resolução de situações problemáticas envolvendo “A Lenda do Arlequim” e Veneza • Produção de texto – síntese dos conteúdos abordados • Preenchimento de imagens relacionadas com o Carnaval de Veneza, utilizando diversos materiais e decoração dos corredores com estes trabalhos • Audição de músicas típicas de Veneza

Avaliação

Relato da aula	
Interpretação do texto “A lenda do Arlequim”	<p>Comecei por dialogar com os alunos de forma a perceber se sabiam o que é uma lenda. Depois, pedi a um aluno, escolhendo o que estava mais sossegado, que procurasse no dicionário o significado da palavra “lenda”.</p> <p>De seguida distribuí por todos os alunos o texto “A Lenda do Arlequim” e, com a participação de todos os alunos, fizemos a leitura em voz alta do mesmo, lendo cada aluno uma parte do texto e voltando ao início sempre que este terminava.</p> <p>Seguidamente fiz algumas perguntas de interpretação do texto às quais os alunos escolhidos (os mais sossegados e que colocavam o dedo no ar, esperando em silêncio) responderam oralmente. As perguntas foram, por exemplo, “Quantos parágrafos tem o texto?”, “Onde vivia Arlequim?”, “Como conseguiu a mãe de Arlequim costurar o traje do filho?”, “Porque precisava o Arlequim que a mãe lhe fizesse um traje?”.</p> <p>Depois perguntei aos alunos quais as palavras do texto que não conheciam, escrevi-as no quadro e pedi aos alunos que consultassem o dicionário para saberem o seu significado. O significado das diversas palavras foi lido em voz alta por alguns alunos, escolhidos de entre os que estavam sossegados e colocavam o dedo no ar, esperando em silêncio.</p> <p>No final, pedi aos alunos que colassem o texto no caderno de Português.</p>
Reflexão sobre o trabalho desenvolvido:	
Reação	Os alunos gostaram bastante do texto e todos queriam participar, procurando as palavras no dicionário, tentando ser o primeiro a encontrar e a colocar o dedo no ar. Para participar colocavam o dedo no ar e esperavam em silêncio pela sua vez.
Questões relevantes que surgiram	
Os alunos perguntaram onde se localiza Veneza, se esta fica em Portugal. Colocaram, também, outras questões relativas ao significado das palavras.	
Imprevistos que surgiram ao nível:	
do tema	Não surgiram imprevistos ao nível do tema.
da planificação	Não surgiram imprevistos ao nível da planificação.
da atitude dos alunos	Não surgiram imprevistos ao nível da atitude dos alunos.

Planificação

Ano – nº de alunos	Área	Tarefa	Duração – Data
3º ano – 24 alunos	Estudo do Meio	Conhecer Veneza	1h30 – 09.02.2015

O que pretendo que o aluno aprenda		
Conteúdos Programáticos	Objetivos	Modalidades e Instrumentos de Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> • Onde se situa Veneza • Principais locais • Principais meios de transporte utilizados 	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer costumes e tradições de outros povos 	<ul style="list-style-type: none"> • Perguntas sobre a temática abordada - oralmente
Razão de escolha da tarefa:	Aproximação à época festiva do Carnaval	

O que proponho para que o aluno aprenda	
Metodologia	<ul style="list-style-type: none"> • Projetar uma apresentação em PowerPoint sobre a cidade de Veneza, explorando a sua localização, constituição e principais locais <ul style="list-style-type: none"> ◦ À medida que a apresentação avança, solicitar a participação dos alunos, pedindo, por exemplo, para fazer a leitura do número de habitantes da província de Veneza • Colar no quadro, utilizando bostik, algumas frases, em italiano, para que os alunos tentem adivinhar o seu significado em português – só responde quem colocar o dedo no ar e esperar pela sua vez em silêncio
Ação do professor	<ul style="list-style-type: none"> • Selecionar os alunos que devem ler, dizendo o seu nome, até que todos tenham lido uma parte do texto • Ouvir os alunos e mediar a sua participação na aula, deixando participar apenas quem coloca o dedo no ar e espera pela sua vez em silêncio. <ul style="list-style-type: none"> ◦ Reforçar positivamente este comportamento, elogiando os alunos que o demonstram ◦ Questionar os alunos que não o demonstram, de forma a relembrar que devem fazê-lo (ex.: “Colocaste o dedo no ar? Eu não me apercebi...”) • Circular pela sala sempre que possível, uma vez que é necessário estar perto do computador para avançar com a apresentação, de forma a manter a proximidade com os alunos, controlando melhor o comportamento da turma
Organização dos alunos	<ul style="list-style-type: none"> • Cada um no seu lugar, com as carteiras alinhadas e todas viradas para o quadro, deixando um corredor ao centro
Recursos materiais	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação em PowerPoint • Material eletrónico (computador, datashow e colunas) • Frases em italiano para colar no quadro utilizando bostik
Recursos humanos	<ul style="list-style-type: none"> • Os alunos e a professora

Previsão de estratégias a utilizar pelos alunos	<ul style="list-style-type: none"> • Tentar colocar o dedo no ar em primeiro lugar e tentar não falar para que eu os escolha
Previsão das dificuldades	<ul style="list-style-type: none"> • Colocar o dedo no ar e, em silêncio, esperar pela sua vez para falar • Adivinhar o significado de algumas frases (ex.: “Ho otto anni”, ...)
Prevenção das dificuldades	<ul style="list-style-type: none"> • Escolher para participar os alunos que colocam o dedo no ar e esperam pela sua vez em silêncio – elogiar os alunos que o fazem, fazendo um reforço positivo • Circular pela sala de forma a manter a proximidade com os alunos, controlando melhor o comportamento da turma • Ajudar a descobrir o significado das frases, dando pistas (ex.: otto quer dizer oito, ...)
Como posso relacionar esta tarefa com as outras áreas de aprendizagem	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura e interpretação do texto “A Lenda do Arlequim” • Conhecer o Carnaval de Veneza e diferenciá-lo do Carnaval de Portugal • Resolução de situações problemáticas envolvendo “A Lenda do Arlequim” e Veneza • Produção de texto – síntese dos conteúdos abordados • Preenchimento de imagens relacionadas com o Carnaval de Veneza, utilizando diversos materiais e decoração dos corredores com estes trabalhos • Audição de músicas típicas de Veneza

Avaliação

Relato da aula	
Conhecer Veneza	<p>Comecei por projetar uma apresentação em PowerPoint sobre a cidade de Veneza, explorando a sua localização, constituição e principais locais</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ À medida que a apresentação avançava, solicitei a participação dos alunos, pedindo, por exemplo, para fazer a leitura do número de habitantes da província de Veneza <p>Depois, coleí no quadro, utilizando bostik, algumas frases, em italiano, para que os alunos tentassem adivinhar o seu significado em português, só deixando responder quem colocava o dedo no ar e esperava pela sua vez em silêncio.</p> <p>De seguida, a pedido dos alunos, deixem que lessem em voz alta as frases, em jeito de diálogo, selecionando os pares de alunos que deveriam ler.</p>
Reflexão sobre o trabalho desenvolvido:	
Reação	Os alunos gostaram e demonstraram-se entusiasmados. Houve até alunos que fizeram uma pesquisa em casa e já tinham conhecimento de algumas informações sobre a província.
Questões relevantes que surgiram	
Os alunos perguntaram como era o carnaval em Veneza, uma vez que o Arlequim tinha ido a um baile de máscaras. Eu expliquei que veríamos isso na aula seguinte.	
Imprevistos que surgiram ao nível:	
do tema	Não surgiram imprevistos ao nível do tema.
da planificação	Não surgiram imprevistos ao nível da planificação.
da atitude dos alunos	Não surgiram imprevistos ao nível da atitude dos alunos.

Planificação

Ano – nº de alunos	Área	Tarefa	Duração – Data
3º ano – 24 alunos	Estudo do Meio + Expressão Plástica + Expressão Musical	Conhecer Veneza - Carnaval	1h30 –10.02.2015

O que pretendo que o aluno aprenda		
Conteúdos Programáticos	Objetivos	Modalidades e Instrumentos de Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> • Carnaval de Veneza • Carnaval de Portugal • Preenchimento de imagens com vários materiais • Audição de músicas típicas de Veneza 	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer costumes e tradições de outros povos • Fazer composições colando diferentes materiais rasgados, cortados e recortados • Desenvolvimento auditivo 	<ul style="list-style-type: none"> • Perguntas sobre a temática abordada nas últimas aulas - oralmente
Razão de escolha da tarefa:	Aproximação à época festiva do Carnaval	

O que proponho para que o aluno aprenda	
Metodologia	<ul style="list-style-type: none"> • Dialogar com os alunos de forma a relembrar os conteúdos abordados na aula anterior • Projetar uma apresentação em PowerPoint que aborda: <ul style="list-style-type: none"> ➢ O Carnaval de Veneza, explorando a sua origem, tradição, duração e trajes típicos ➢ O Carnaval de Portugal, explorando a sua tradição, calendarização e principais locais <ul style="list-style-type: none"> ○ À medida que a apresentação avança, solicitar a participação dos alunos, pedindo, por exemplo, para fazer a leitura do número em numeração romana que representa o século representado através dos trajes carnavalescos típicos de Veneza • Distribuir por todos os alunos imagens relacionadas com o Carnaval de Veneza para que as preencham, utilizando e colando diversos materiais <ul style="list-style-type: none"> ○ Haverá três imagens diferentes que serão distribuídas pelos alunos de forma completamente aleatória – cada turma terá três imagens, tendo uma única em comum – a do Arlequim ○ Enquanto os alunos desenvolvem esta atividade, estarão a tocar músicas típicas de Veneza ○ Para preencher as imagens, os alunos podem utilizar canetas de feltro, lápis de cor, aparas de lápis, papel de revista, lã, pedaços de tecido, cartão, entre outros... <p>Nota: Os materiais utilizados no preenchimento das imagens serão levados de casa pelos alunos</p>

<p>Ação do professor</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Projetar a apresentação, controlando o seu avanço • Dialogar com os alunos, lembrando os conteúdos abordados nas aulas anteriores, relacionados com a temática em causa e transmitindo novos conhecimentos acerca da mesma • Ouvir os alunos e mediar a sua participação na aula, deixando participar apenas quem coloca o dedo no ar e espera pela sua vez em silêncio. <ul style="list-style-type: none"> ○ Reforçar positivamente este comportamento, elogiando os alunos que o demonstram ○ Questionar os alunos que não o demonstram, de forma a lembrar que devem fazê-lo (ex.: “Colocaste o dedo no ar? Eu não me apercebi...”) • Circular pela sala, sempre que possível, uma vez que é necessário estar perto do computador para avançar com a apresentação, de forma a manter a proximidade com os alunos, controlando melhor o comportamento da turma
<p>Organização dos alunos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Cada um no seu lugar, com as carteiras alinhadas e todas viradas para o quadro, deixando um corredor ao centro
<p>Recursos materiais</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação em PowerPoint • Músicas típicas de Veneza • Material eletrónico (computador, datashow e colunas) • Imagens para preencher • Diversos materiais levados para a aula pelos alunos
<p>Recursos humanos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Os alunos e a professora
<p>Previsão de estratégias a utilizar pelos alunos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Troca de materiais entre eles para que, assim, possam usar mais materiais diferentes
<p>Previsão das dificuldades</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Manter o silêncio na sala de aula
<p>Prevenção das dificuldades</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Circular pela sala de forma a manter a proximidade com os alunos, controlando melhor o comportamento da turma • Pedir que conversem sussurrando para que não deixem de ouvir a música
<p>Como posso relacionar esta tarefa com as outras áreas de aprendizagem</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura e interpretação do texto “A Lenda do Arlequim” • Conhecer Veneza • Resolução de situações problemáticas envolvendo “A Lenda do Arlequim” e Veneza • Produção de texto – síntese dos conteúdos abordados

Avaliação

Relato da aula	
Conhecer Veneza - Carnaval	<p>Comecei por dialogar com os alunos de forma a relembrar os conteúdos abordados na aula anterior. Depois, projetei uma apresentação em PowerPoint que abordava:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ O Carnaval de Veneza, explorando a sua origem, tradição, duração e trajes típicos ➤ O Carnaval de Portugal, explorando a sua tradição, calendarização e principais locais <ul style="list-style-type: none"> ○ À medida que a apresentação avançava, solicitei a participação dos alunos, escolhendo os que estavam mais atentos e sossegados, pedindo, por exemplo, para fazer a leitura do número em numeração romana que representa o século representado através dos trajes carnavalescos típicos de Veneza <p>Seguidamente distribuí, por todos os alunos, as imagens relacionadas com o Carnaval de Veneza, que pertenciam à minha turma, para que as preenchessem, utilizando e colando diversos materiais. Enquanto os alunos desenvolviam esta tarefa, eu coloquei a tocar algumas músicas tradicionais de Veneza.</p>
Reflexão sobre o trabalho desenvolvido:	
Reação	Os alunos gostaram e demonstraram-se entusiasmados. Houve alunos que disseram querer visitar Veneza, ver o carnaval e passear de gondola.
Questões relevantes que surgiram	
Os alunos perguntaram se podiam trocar materiais entre si, para o preenchimento das imagens.	
Imprevistos que surgiram ao nível:	
do tema	Não surgiram imprevistos ao nível do tema.
da planificação	Não surgiram imprevistos ao nível da planificação.
da atitude dos alunos	Houve alunos que não levaram materiais, tal como lhes tinha sido pedido.
Como os resolvi:	
Imprevisto - Houve alunos que não levaram materiais, tal como lhes tinha sido pedido.	Disse aos alunos que utilizassem marcadores, lápis, aparas de lápis, papel do caixote dos papeis e a imaginação.

Planificação

Ano – nº de alunos	Área	Tarefa	Duração – Data
3º ano – 24 alunos	Matemática	Resolução de Situações Problemáticas	1h – 11.02.2015

O que pretendo que o aluno aprenda

Conteúdos Programáticos	Meta	Descritores	Modalidades e Instrumentos de Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> • Multiplicação • Divisão • Adição • Moda de um conjunto de dados • Amplitude de um conjunto de dados 	<ul style="list-style-type: none"> • Resolver problemas 	<ul style="list-style-type: none"> • Resolver problemas de até três passos envolvendo situações de juntar, acrescentar, retirar, completar e comparar • Resolver problemas de até três passos envolvendo situações multiplicativas nos sentidos aditivo e combinatório • Resolver problemas de até três passos envolvendo situações de partilha equitativa e de agrupamento • Resolver problemas envolvendo a análise de dados representados em tabelas, diagramas ou gráficos e a determinação de frequências absolutas, moda, extremos e amplitude 	<ul style="list-style-type: none"> • Resolução de uma ficha de trabalho
Razão de escolha da tarefa:	Aproximação à época festiva do Carnaval		

O que proponho para que o aluno aprenda

Metodologia	<ul style="list-style-type: none"> • Dialogar com os alunos de forma a relembrar os conteúdos abordados na aula anterior • Distribuir uma ficha de trabalho <ul style="list-style-type: none"> ○ Os alunos devem resolver as situações problemáticas de forma a descobrir de que cores devem colorir os losangos de uma composição – cada resultado corresponde a uma cor, estando estes resultados indicados no interior dos losangos que devem ser pintados dessa mesma cor • Pedir a alguns alunos, de forma aleatória, que vão ao quadro corrigir as situações problemáticas da ficha
--------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Ação do professor	<ul style="list-style-type: none"> • Ouvir os alunos e mediar a sua participação na aula, deixando participar apenas quem coloca o dedo no ar e espera pela sua vez em silêncio. <ul style="list-style-type: none"> ◦ Reforçar positivamente este comportamento, elogiando os alunos que o demonstram ◦ Questionar os alunos que não o demonstram, de forma a relembrar que devem fazê-lo (ex.: “Colocaste o dedo no ar? Eu não me apercebi...”) • Circular pela sala, sempre que possível, uma vez que é necessário estar perto do computador para avançar com a apresentação, de forma a manter a proximidade com os alunos, controlando melhor o comportamento da turma
Organização dos alunos	<ul style="list-style-type: none"> • Cada um no seu lugar, com as carteiras alinhadas e todas viradas para o quadro, deixando um corredor ao centro
Recursos materiais	<ul style="list-style-type: none"> • Ficha de trabalho impressa • Lápis de cor dos alunos
Recursos humanos	<ul style="list-style-type: none"> • Os alunos e a professora
Previsão de estratégias a utilizar pelos alunos	<ul style="list-style-type: none"> • Tentar encontrar as palavras no dicionário rapidamente para ser escolhido para responder • Tentar colocar o dedo no ar em primeiro lugar e tentar não falar para que eu os escolha
Previsão das dificuldades	<ul style="list-style-type: none"> • Colocar o dedo no ar e, em silêncio, esperar pela sua vez para falar
Prevenção das dificuldades	<ul style="list-style-type: none"> • Escolher para participar os alunos que colocam o dedo no ar e esperam pela sua vez em silêncio – elogiar os alunos que o fazem, fazendo um reforço positivo • Tentar circular pela sala de forma a manter a proximidade com os alunos, controlando melhor o comportamento da turma
Como posso relacionar esta tarefa com as outras áreas de aprendizagem	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura e interpretação do texto “A Lenda do Arlequim” • Conhecer e localizar Veneza • Conhecer o Carnaval de Veneza e diferenciá-lo do Carnaval de Portugal • Produção de texto – síntese dos conteúdos abordados • Preenchimento de imagens relacionadas com o Carnaval de Veneza, utilizando diversos materiais e decoração dos corredores com estes trabalhos • Audição de músicas típicas de Veneza

Avaliação

Relato da aula	
Resolução de Situações Problemáticas	<p>Comecei por dialogar com os alunos de forma a relembrar os conteúdos abordados na aula anterior.</p> <p>De seguida distribui uma ficha de trabalho em que os tinham que resolver as situações problemáticas de forma a descobrir de que cores deviam colorir os losangos de uma composição, sendo que cada resultado correspondia a uma cor, estando estes resultados indicados no interior dos losangos que devem ser pintados dessa mesma cor.</p> <p>Depois pedi a alguns alunos, escolhendo os mais sossegados, que fossem ao quadro corrigir as situações problemáticas da ficha.</p>
Reflexão sobre o trabalho desenvolvido:	
Reação	Os alunos demonstraram-se empenhados e resolveram rapidamente as situações problemáticas apresentadas.
Questões relevantes que surgiram	
Os alunos levantaram algumas questões quanto ao significado de “amplitude de um conjunto de dados”.	
Imprevistos que surgiram ao nível:	
do tema	Os alunos tiveram algumas dúvidas quanto ao significado de “amplitude de um conjunto de dados”.
da planificação	Não surgiram imprevistos ao nível da planificação.
da atitude dos alunos	Não surgiram imprevistos ao nível da atitude dos alunos.
Como os resolvi:	
<p>Imprevisto - Os alunos tiveram algumas dúvidas quanto ao significado de “amplitude de um conjunto de dados”.</p>	Expliquei, em voz alta para que todos os alunos ouvissem, que a amplitude dos dados é a diferença entre o dado maior e o dado menos, isto é, entre o máximo e o mínimo.

Planificação

Ano – nº de alunos	Área	Tarefa	Duração – Data
3º ano – 24 alunos	Português	Produção de texto – síntese dos conteúdos abordados	1h – 11.02.2015

O que pretendo que o aluno aprenda			
Conteúdos Programáticos	Meta	Descritores	Modalidades e Instrumentos de Avaliação
• Produção de texto	• Escrever textos informativos	• Escrever pequenos textos informativos, a partir de ajudas que identifiquem a introdução ao tópico, o desenvolvimento do tópico com factos e pormenores, e a conclusão	• Perguntas relacionadas com conteúdos abordados nas últimas aulas - oralmente
Razão de escolha da tarefa:	Aproximação à época festiva do Carnaval		

O que proponho para que o aluno aprenda	
Metodologia	<ul style="list-style-type: none"> • Distribuir uma folha preparada para a produção de texto • Dialogar com os alunos, solicitando a sua participação, de forma a relembrar os conteúdos abordados na aula anterior e escrever no quadro o que vão dizendo, formando uma composição coletiva em forma de síntese <ul style="list-style-type: none"> ○ Solicitar a participação de quem coloca o dedo no ar e espera pela sua vez em silêncio • Pedir aos alunos que vão passando para a folha o que é escrito no quadro
Ação do professor	<ul style="list-style-type: none"> • Ouvir os alunos e mediar a sua participação na aula, deixando participar apenas quem coloca o dedo no ar e espera pela sua vez em silêncio. <ul style="list-style-type: none"> ○ Reforçar positivamente este comportamento, elogiando os alunos que o demonstram ○ Questionar os alunos que não o demonstram, de forma a relembrar que devem fazê-lo (ex.: “Colocaste o dedo no ar? Eu não me apercebi...”) • Escrever no quadro o que é dito pelos alunos
Organização dos alunos	<ul style="list-style-type: none"> • Cada um no seu lugar, com as carteiras alinhadas e todas viradas para o quadro, deixando um corredor ao centro
Recursos materiais	<ul style="list-style-type: none"> • Folha preparada para a produção de texto
Recursos humanos	<ul style="list-style-type: none"> • Os alunos e a professora

<p>Previsão de estratégias a utilizar pelos alunos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Tentar colocar o dedo no ar em primeiro lugar e tentar não falar para que eu os escolha
<p>Previsão das dificuldades</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Colocar o dedo no ar e, em silêncio, esperar pela sua vez para falar
<p>Prevenção das dificuldades</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Escolher para participar os alunos que colocam o dedo no ar e esperam pela sua vez em silêncio – elogiar os alunos que o fazem, fazendo um reforço positivo
<p>Como posso relacionar esta tarefa com as outras áreas de aprendizagem</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura e interpretação do texto “A Lenda do Arlequim” • Conhecer e localizar Veneza • Conhecer o Carnaval de Veneza e diferenciá-lo do Carnaval de Portugal • Resolução de situações problemáticas envolvendo “A Lenda do Arlequim” e Veneza • Preenchimento de imagens relacionadas com o Carnaval de Veneza, utilizando diversos materiais e decoração dos corredores com estes trabalhos • Audição de músicas típicas de Veneza

Relato da aula	
Produção de texto – síntese dos conteúdos abordados	<p>Comecei por distribuir uma folha já preparada para a produção de texto. De seguida, fui dialogando com os alunos, solicitando a sua participação, escolhendo para falar apenas os alunos que colocavam o dedo no ar e esperavam pela sua vez em silêncio, de forma a relembrar os conteúdos abordados na aula anterior. Fui fazendo perguntas e construindo, com eles, o texto enquanto um aluno, que foi escolhido aleatoriamente, ia escrevendo no quadro o que eu ditava. Este aluno não foi sempre o mesmo, eu fui chamando outros alunos para escrever no quadro.</p> <p>Entretanto, pedi aos alunos que fossem passando para a folha o que era escrito no quadro.</p>
Reflexão sobre o trabalho desenvolvido:	
Reação	Os alunos demonstraram-se empenhados e foram capazes de responder a todas as perguntas que lhes fui fazendo. Todos queriam participar.
Questões relevantes que surgiram	
Os alunos não levantaram questões, uma vez que estavam a escrever e a responder às minhas perguntas. Perguntavam apenas se podiam ser os próximos a ir escrever no quadro.	
Imprevistos que surgiram ao nível:	
do tema	Não surgiram imprevistos ao nível do tema.
da planificação	O único imprevisto que surgiu foi o facto de eu ter optado por chamar alunos para escrever no quadro ao invés de ser eu a fazê-lo.
da atitude dos alunos	Não surgiram imprevistos ao nível da atitude dos alunos.

Planificação

Ano – nº de alunos	Área	Tarefa	Duração – Data
3º ano – 24 alunos	Expressão Plástica + Expressão Musical	Continuação da atividade da aula anterior	1h – 11.02.2015

O que pretendo que o aluno aprenda		
Conteúdos Programáticos	Objetivos	Modalidades e Instrumentos de Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> • Carnaval de Veneza • Carnaval de Portugal • Preenchimento de imagens com vários materiais • Audição de músicas típicas de Veneza 	<ul style="list-style-type: none"> • Fazer composições colando diferentes materiais rasgados, cortados e recortados • Desenvolvimento auditivo 	<ul style="list-style-type: none"> • Perguntas sobre a temática abordada nas últimas aulas - oralmente
Razão de escolha da tarefa:	Aproximação à época festiva do Carnaval	

O que proponho para que o aluno aprenda	
Metodologia	<ul style="list-style-type: none"> • Pedir aos alunos que deem continuação ao preenchimento das imagens relacionadas com o Carnaval de Veneza, utilizando e colando diversos materiais <ul style="list-style-type: none"> ○ Enquanto os alunos desenvolvem esta atividade, estarão a tocar músicas típicas de Veneza ○ Para preencher as imagens, os alunos podem utilizar canetas de feltro, lápis de cor, aparas de lápis, papel de revista, lã, pedaços de tecido, cartão, entre outros... <p>Nota: Os materiais utilizados no preenchimento das imagens serão levados de casa pelos alunos</p>
Ação do professor	<ul style="list-style-type: none"> • Circular pela sala de forma a manter a proximidade com os alunos, controlando melhor o comportamento da turma • Ajudar os alunos no recorte e colagem de materiais, caso seja necessário
Organização dos alunos	<ul style="list-style-type: none"> • Cada um no seu lugar, com as carteiras alinhadas e todas viradas para o quadro, deixando um corredor ao centro
Recursos materiais	<ul style="list-style-type: none"> • Músicas típicas de Veneza • Material eletrónico (computador e colunas) • Imagens para preencher • Diversos materiais levados para a aula pelos alunos

Recursos humanos	<ul style="list-style-type: none"> • Os alunos e a professora
Previsão de estratégias a utilizar pelos alunos	<ul style="list-style-type: none"> • Troca de materiais entre eles para que, assim, possam usar mais materiais diferentes
Previsão das dificuldades	<ul style="list-style-type: none"> • Manter o silêncio na sala de aula
Prevenção das dificuldades	<ul style="list-style-type: none"> • Circular pela sala de forma a manter a proximidade com os alunos, controlando melhor o comportamento da turma • Pedir que conversem sussurrando para que não deixem de ouvir a música
Como posso relacionar esta tarefa com as outras áreas de aprendizagem	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura e interpretação do texto “A Lenda do Arlequim” • Conhecer e localizar Veneza • Conhecer o Carnaval de Veneza e diferenciá-lo do Carnaval de Portugal • Resolução de situações problemáticas envolvendo “A Lenda do Arlequim” e Veneza • Produção de texto – síntese dos conteúdos abordados

Avaliação

Relato da aula	
Continuação da atividade da aula anterior – preenchimento de imagens com diversos materiais	Pedi aos alunos que dessem continuação ao preenchimento das imagens relacionadas com o Carnaval de Veneza, utilizando e colando diversos materiais. Enquanto os alunos desenvolviam esta atividade, estavam a tocar músicas tradicionais de Veneza
Reflexão sobre o trabalho desenvolvido:	
Reação	Os alunos demonstraram-se empenhados e divertidos com esta atividade.
Questões relevantes que surgiram	
Os alunos não levantaram questões, uma vez que estavam a terminar uma tarefa já iniciada.	
Imprevistos que surgiram ao nível:	
do tema	Não surgiram imprevistos ao nível do tema.
da planificação	Não surgiram imprevistos ao nível da planificação.
da atitude dos alunos	Não surgiram imprevistos ao nível da atitude dos alunos.

Anexo IX – Questionário aos professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Questionário dirigido aos professores do 1º Ciclo do Ensino Básico

O presente questionário destina-se aos professores do 1º Ciclo do Ensino Básico e tem como objetivo desenvolver um estudo sobre a organização e gestão da sala de aula e do ambiente educativo no interior da mesma.

Serão apresentadas algumas questões abertas e fechadas às quais deve responder de acordo com as suas práticas na sala de aula.

Agradeço, desde já, pela sua colaboração.

Nota: Não escreva o seu nome nem outros em nenhum local do questionário.

1. Iniciais do primeiro e último nomes:

--	--

2. Idade:

20 a 25 anos	<input type="checkbox"/>	26 a 30 anos	<input type="checkbox"/>	31 a 35 anos	<input type="checkbox"/>	36 a 40 anos	<input type="checkbox"/>
41 a 45 anos	<input type="checkbox"/>	46 a 50 anos	<input type="checkbox"/>	51 a 55 anos	<input type="checkbox"/>	> 56 anos	<input type="checkbox"/>

3. Tempo de docência:

1 a 5 anos	<input type="checkbox"/>	6 a 10 anos	<input type="checkbox"/>	11 a 15 anos	<input type="checkbox"/>	16 a 20 anos	<input type="checkbox"/>
21 a 25 anos	<input type="checkbox"/>	26 a 30 anos	<input type="checkbox"/>	31 a 35 anos	<input type="checkbox"/>	> 36 anos	<input type="checkbox"/>

4. Ano de escolaridade que leciona:

1.º ano	<input type="checkbox"/>	2.º ano	<input type="checkbox"/>	3.º ano	<input type="checkbox"/>	4.º ano	<input type="checkbox"/>
---------	--------------------------	---------	--------------------------	---------	--------------------------	---------	--------------------------

5. Considera a organização da sala de aula um fator importante no processo de ensino-aprendizagem?

Sim	<input type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/>
-----	--------------------------	-----	--------------------------

5.1. Porquê?

6. Redistribui os lugares dos alunos várias vezes durante o ano letivo?Sim Não **6.1. Com que frequência, aproximadamente, o faz? (ex.: uma vez por mês)**

6.2. Porquê?

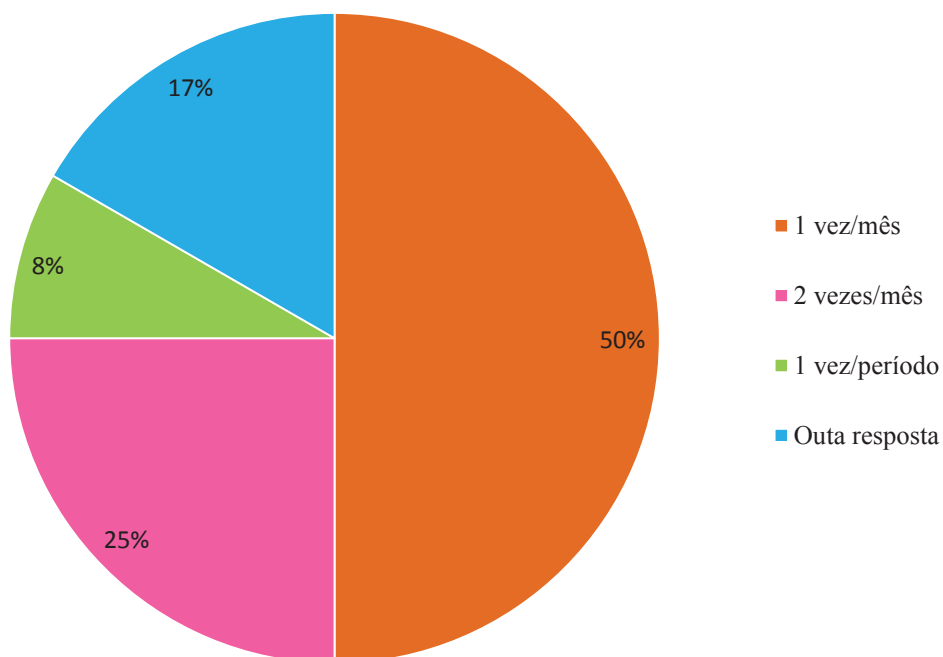
7. Dos seguintes fatores, selecione os quatro que considera mais relevantes para a criação de um ambiente propício ao processo de ensino-aprendizagem, numerando-os de 1 a 4, sendo 1 o mais relevante e 4 o menos relevante.

- a) Disposição das carteiras.
- b) Reorganização da disposição das carteiras consoante o necessário para determinada tarefa.
- c) Distribuição dos lugares dos alunos.
- d) Redistribuição frequente dos lugares dos alunos.
- e) Existência de regras na sala de aula, estando estas bem explicadas aos alunos.
- f) Arrumação e organização dos materiais disponíveis para utilização dos alunos e do professor.
- g) Luminosidade da sala de aula.
- h) Espaço para circulação livre, quer dos alunos, quer do professor.
- i) Decoração das paredes com trabalhos dos alunos.

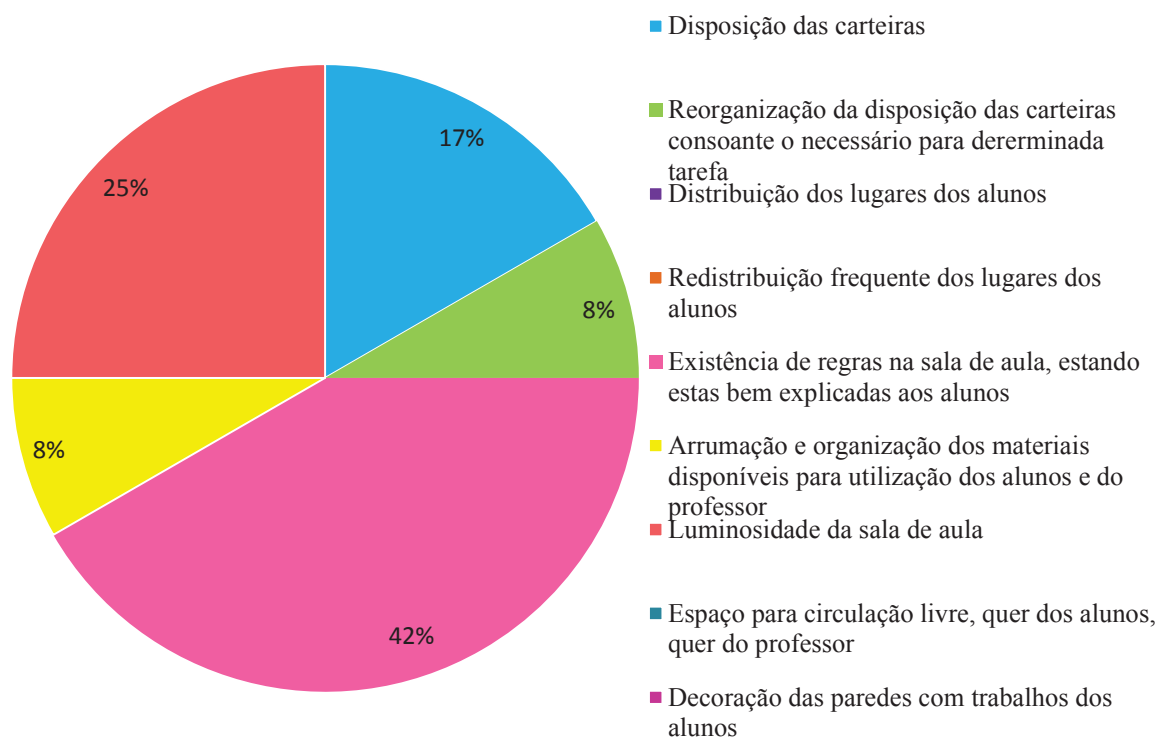
8. Na sua opinião, de que forma podem os quatro fatores que selecionou influenciar os alunos e as relações humanas e pedagógicas em sala de aula?

**Anexo X – Resultados dos questionários aos professores
do 1.º Ciclo do Ensino Básico**

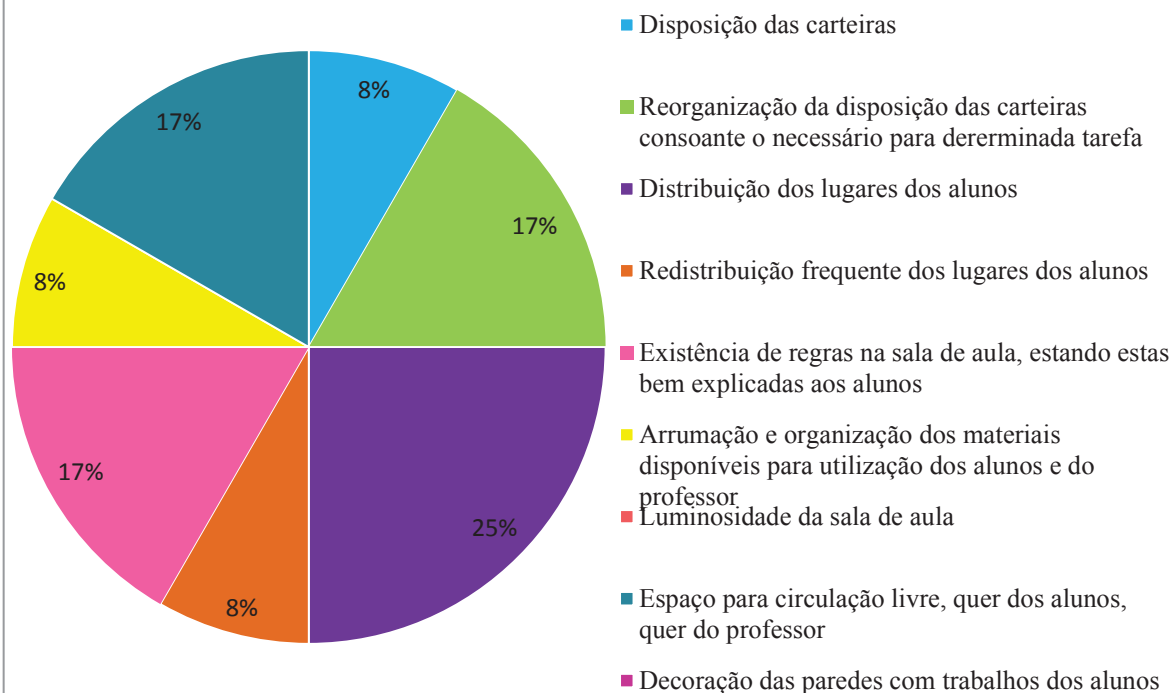
Frequência com que as professoras redistribuem os lugares dos alunos



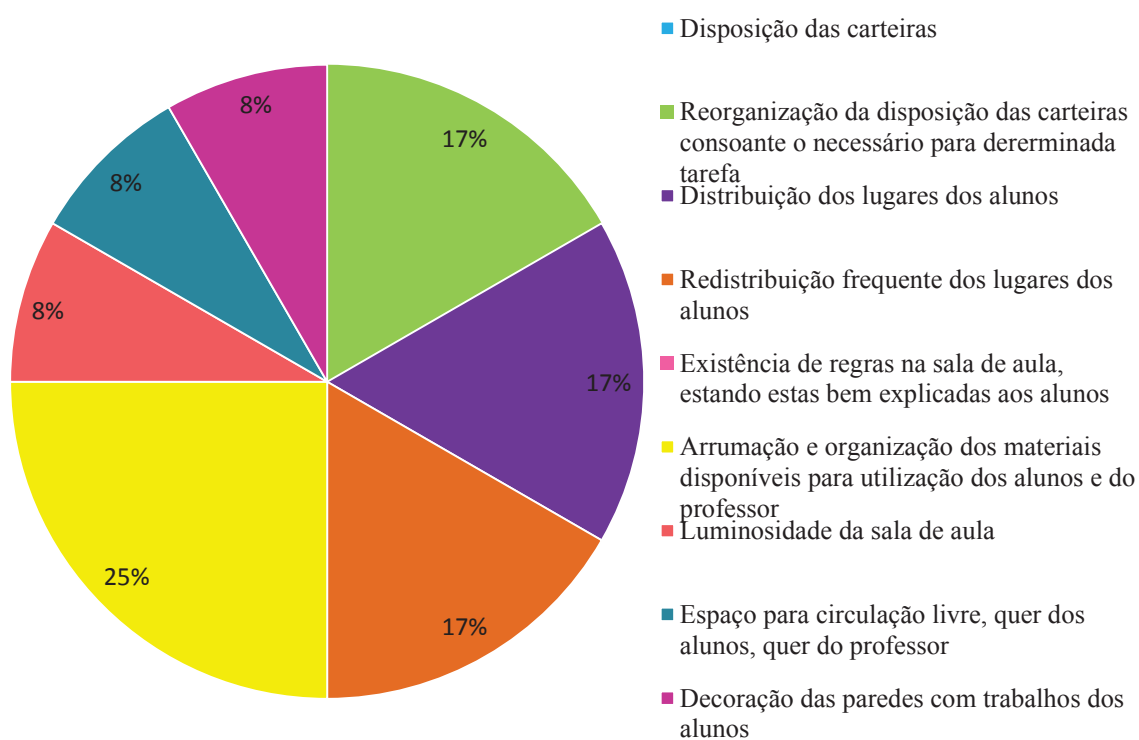
Fator selecionado como o primeiro mais relevante para a criação de um ambiente propício ao processo de ensino-aprendizagem



Fator selecionado como o segundo mais relevante para a criação de um ambiente propício ao processo de ensino-aprendizagem



Fator selecionado como o terceiro mais relevante para a criação de um ambiente propício ao processo de ensino-aprendizagem



Fator selecionado como o quarto mais relevante para a criação de um ambiente propício ao processo de ensino-aprendizagem

